

Velhas Casas XII

“História do Palácio de Vila Flor ou Cavalinho”

Maria Adelaide Pereira de Moraes

VELHAS CASAS XII

HISTÓRIA DO PALÁCIO DE VILA FLOR
OU
CAVALINHO

II

Senhora da Casa e Quinta de Vila Flor durante 17 anos, Dona Maria Leonor Mariana de Sousa Peixoto de Carvalho, surge durante essa época com o pesado farfalhar das suas sedas, no faiscar de algumas das suas jóias. Morgada de Pousada e dos Carvalhos, citada nas "Velhas Casas"⁶⁶, agora volta: em 1812 compra a seus primos, a bela mansão mandada erguer por seu bisavô comum.

Porque compra Vila Flor? Por dela ter suaves recordações da infância? Por a não querer ver em mãos estranhas? Existem diversas explicações; procura-se enquadrá-las numa das circunstâncias da sua vida. Nada se conclui.

Menina, muito menina, tem onze anos, herda, a 07.01.1783, à morte da mãe, Dona Maria Luiza Peixoto de Carvalho, o Morgado de Pousada em S. Pedro de Azurém. Tutelada pelo pai, José Filipe de Sousa de Carvalho, é seu o velho solar acastelado, pedras emolduradas de carvalhas, folhas a brotarem num verde muito tenro, carregado com força no verão, a despedirem-se em glória no Outono, nos tons vermelhos, castanhos, misturados com laranja. São suas todas as demais propriedades do vínculo.

Já maior, a 11.06.1799, falta-lhe o pai, Morgado dos Carvalhos em Vila Pouca de Aguiar. Acrescenta bens: muitas terras, casas em Guimarães e em outros lugares aos já seus de Pousada: tem saúde, é rica, carregada de importância pela sua muito antiga fidalguia, bem provada por velhos documentos.

Conserva-se solteira. O que a leva, no rescaldo das invasões francesas, onde deu vinho, pão e jóias ao Batalhão dos Privilegiados de Nossa Senhora da Oliveira⁶⁷, toda desvelada com a educação de seus sobrinhos, os órfãos de sua única irmã Dona Mariana Rita⁶⁸, a comprar Vila Flor?

Perpassa também em cadeirinha ou a cavalo em andilhas pelos caminhos debruados de silvas - ("Porque não os

⁶⁶ Ver o meu "Velhas Casas de Guimarães", vol.I, Casa da Pousada (n 17) p.s 443-452.

⁶⁷ "Grande injustiça seria não fazer aqui referência à acção patriótica que tiveram na aclamação de 1808 as senhoras de Guimarães que nessa época de verdadeira exaltação nacional e fervoroso amor da independência mostraram bem quanto amavam a liberdade da Pátria e quanto lhes era odioso o jugo estrangeiro.

Autênticas heroínas, que tantos cuidados e interesses mostraram pelo abastecimento e apetrechamento das tropas vimaranenses, são dignas da maior admiração.

Seguindo o exemplo de D. Filipa de Vilhena, armaram seus filhos, Maridos e irmãos, cavaleiros para a luta.

Muitas dessas senhoras foram oferecer ao Senado as suas jóias e enfeites preciosos, para custearem as despesas da guerra; outras desfiavam os seus finos lençóis de linho, para fabricar pensos e ligaduras com que deveriam ser tratados os feridos. Cozeram enormes foadas de pão que mandavam ao exército, e algumas andavam pelas ruas a animar a todos e a distribuir dinheiro para sustento dos que não podiam ir para a campanha, e não passassem necessidades, enquanto os seus parentes estivessem ocupados na defesa da Pátria. E todas pediam a Deus, que as tropas portuguesas fossem felizes e o inimigo não mais viesse calcar a terra de Portugal!"

"Segundo o autor do "Manuscrito", destacaram-se nessa ocasião, as famílias "das Lameiras, do Toural, Cano, Rua Escuro, Costeado, Proposto, rua de Donões, Pombais, Portas do Pombeiro, Freitas, Machados Pindelas, Nápolres, Menezes, Leonores, Bourbons, Sosas e outros antigos solares da mais elevada nobreza vimaranense", in Manoel Mendes "Guimarães e a Aclamação de D. João VI" in "Revista de Guimarães" vol. LXIV, ps. 63-64.

⁶⁸ D. Mariana Rita + a 11.04.1824

limpam? Corja de Malandros!" -) das suas muitas propriedades vimaranenses. Recebe grande quantidade de foros e rendas. Com "a mais estreita e particular amisade com o Juiz de Fora da Vila"⁶⁹, desafia e vence pleitos. Os tempos estão conturbados.

Mãos postas, contas entre os dedos, tem muito por quem rezar, muito por quem pedir. Por seu cunhado, Pedro Pacheco Pereira Pamplona, "senhor de Aveloso, da grande casa da rua de Belo Monte no Porto, Alcaide Mor da Vila de Rei, Comendador na Ordem de Cristo, Fidalgo da Casa Real, Tenente Coronel das Milicias da Maia", regimento na madrugada de 24.08.1824 a jurar uma futura constituição, ecos do ter-se batido com valentia contra os franceses. Com mais fervor, com mais cuidados, por seu sobrinho, quase filho por o ter criado: João Pacheco Pereira de Sousa Peixoto de Carvalho, Coronel dos Voluntários Realistas, a alma e o coração a acompanhá-lo no desenvolver da Guerra Civil. Aparece-nos depois na Corte: a 06.11.1827: é madrinha do seu primeiro sobrinho neto, João como o Pai.

Tréguas entre tantos sobressaltos: em pleno feliz reinado de El-Rei D. Miguel, causa que abraça, porque vende Vila Flor em 1829? Assim como a comprou, em 1812 dela se desfaz sem hoje, se conhecerem os motivos. Crescem as interrogações, avolumam-se as perguntas.

A 14.04.1831, Deus chama a si, Dona Maria Leonor Mariana, Morgada de Pousada e dos Carvalhos, Senhora, por compra durante 17 anos, da Casa de Vila Flor. Encontra-se no Porto, na rua de Belo Monte, residência de seus sobrinhos. Em fúnebre cortejo, numas andas, vem o seu corpo para Guimarães. Acompanham-na, em plangentes orações alguns padres a cavalo com tochas acesas, seis lacaios com archotes de cera e uma guarda de cavalaria. Ao escutarem os cascos dos animais, o murmúrio dos salmos, nas raras casas encontradas, debruçam-se à janela, as gentes, persignam-se. A 16, chegam a Guimarães, à Igreja de S. Francisco, sua última morada. Aguardam-na, a nobreza e o povo com respeito e veneração.

A 22 de Abril celebram-se, com toda a grandeza as exéquias pela sua alma. Senhor de Vila Flor já é então Lourenço de Arrochela Malheiro. Comprou-a, como se viu em 1829.

III

Para iniciar estuda-se a genealogia. Pega-se no Gayo. Lê-se no Tomo III:

"Arrochelas

Esta família he m.t.^o antiga como consta de papeis q estão no Cartório de G.es da sua Colegiada onde se acha huma doação do tempo de D. Aff^o Henriques a hum desta família q veyo de França ajudallo na guerra contra os mouros e assistio na villa de G.es algum tempo onde he o hospital da mizericórdia no anno de 1130". Desfia depois a longa linha de Arrochelas. Há Nicolaus, há Heitores, sossegados no seu solar de S. Romão de Arões, hoje concelho de Fafe, a casarem, no correr das

⁶⁹ V. o meu "Velhas Casas de Guimarães", vol. I – Casa de Minotes, p. 500.

gerações, com senhoras vimaranenses: Cantos, Araujos, FONSECAS e Giões a darem mais viço aos seus ramos. De tudo fica também a viela da Arrochela, agora típica rua a evocar o passado, séculos comprimida pela muralha, asfixiada pelos maus odores do Hospital⁷⁰.

Na 6.^a geração só um varão. Miguel de Afonseca Arrochela, é Cónego da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira e Comissário do Santo Ofício⁷¹. Cai a Casa em senhora, em sua irmã, Helena de Arrochela, ambos filhos de Nicolau de Arrochela, quinto neto do longínquo francês. Casa ela em Guimarães com Paulo de Almeida Leborão, segue a estripe na sua descendência.

Paulo de Almeida Leborão foi batizado em Guimarães na Igreja de São Sebastião a 3.7.1596⁷², é Morgado da Ameixoeira em Leiria e filho de Luís de Almeida Leborão e de sua mulher Branca Sodrê Pedroza, herdeira de seu Pai Estêvão ou António Sodrê Pedroza, Morgado do Poço, recebidos na mesma paróquia de S. Sebastião a 30.1.1589. neto

⁷⁰ A viela da Arrochela, durante séculos esteve encostada à muralha do Toural até à ruína desta. "... Realmente, ao cimo das muralhas do Toural os habitantes da rua da Arrochela, que ficavam entaipados por detraz da mesma, estabeleciam os seus balcões e mirantes, logradouros desempoeirados, para desfrutarem o panorama das festanças e das feiras. Todo o correr do muro, os assentos e as escadas eram um logradouro publico", in Alberto Vieira Braga "Curiosidades de Guimarães, XVIII, Ruas, Casas, Muralhas, Torres..."

Por o achar de interesse transcreve-se um documento de Maio de 1766: "Dizem os moradores da Rua da Arrochela e mais circunvinhos do Hospital, q elles como zelozos da conservação das suas vidas e saúde, a q por direyto natural e Divino devem acodir, impedindo tudo quanto possa ser prejudicial lhes he precioso embarçar a obra de humas casas com muas, ou privadas, q p.^o as immundicias dos Emfermos manda V. S. e os mais Snres da Menza Fazer no mesmo Hospital. Para este embaraço recorrem a innata piedade de q ponderando nos perniciosos damnos, q de similhante obra se temem, não só os supltes m ainda toda a villa, como V S pode ver nas Minutas inclusas, e o pode alcançar de todos os mais Profeçores de Medecina, mande suspender athe decizão deste ponto sim.te edificio, porq não he Justo se gasta o dr.^o dos pobres em causo q lhe mova, e acrescente as enfermidades, :q.do se deve empregar todo em remédios, q lhes cureme perservem.

Assim

Neste Hospital pois pretendem agora os seus Administradores p.^a lhe aumentarem os seus mãos e nunca extintos fétidos fazer no meio de cada enfermaria huas casas com muas, e onde despejam, ou p.^a melhor dizer se conservem juntas todas as matérias expurgadas dos enfermos. Estes casas com muas por mais q trabalhem e gastem o remédio dos pobres os seus autores, não tem parte alguma por onde se possão lavar ou ao menos entruduzir-lhe enxurros q as purifiquem de tam corruptas materias, e a ter alguma parte vay sahir ao meyo da melhor Praça que tem a villa sendo digno de reflexão, q esta Hospital costuma desde a sua fundação mandar todos os dias por mulheres, a quem pagão huma limitada pensão, lançar as suas imundicias a hum regato q corre junto a villa, e são conduzidas em Basos de barro, os quais vão em canastras cobertas por cima p.^a q não vaporem fétido algum pelas ruas por onde paça tal podridão.V.S. seja servido mandar por ora não continuarem por ora hua obra tam prejudicial a saúde e vida dos supptes e dos moradores da villa cujo beneficio esperão da piedade de V.S. porq conformandose do damno e utilidade della estão sertos q hade tomar deferente resolução achando, que por principio ella he útil, como sendo necessário, se lhe mostrar-a com os pareceres dos milhores Médicos do Reyno q são os únicos q podem e devem dicidir esta causa

E.P.M.

Na villa de Guim.es Terra q pela sua fundação ser entre as serras altas e montes levantados, padece continuados e groços nevoeiros e cujos ares não são pela sobredita causa o mais purificador, pois a experiência o tem mostrado a sujeição que tem as enfermidades e doencas e m.tos estupores e perniciosas malignas como a poucos annos experimentarão seus moradores de 1756-57 e 64, e sobretudo tem assaltada de peste rigorosa trez vezes, como se le em grandes autores, a pr.^a foy no anno de 1507, a segunda no de 1575, e a terceyra no de 1590, sendo esta ultima nascida da corrupção de hu Porco q morrendo no pr.^a das canículas foy lançado junto a villa.

Esta fundado o Hospital da St.^a Casa da Misericórdia onde se curão os pobres doentes de qualquer enfermidade. Este Hospital por ser fundado dentro dos muros e coração da villa — onde os ares o não podem completamente purificar, he sentir dos Prudentes, sábios e Doutores, q serve de pernicioso da, Mmo e de legitima causa a n.tas enfermidades, q no Estio, Outono e primavera padecem seus moradores. E se havendo esta prevenção todos os dias não vive o Hospital purificado, antes padecem ainda horrendos fétidos que será depois de congregadas, e juntas, e detidas as tais matérias em hua Lógia, casa ou poço sem ter por onde respirar ou agoas q a lave.

a vista do q l

Perguntaze aos senhores Doutores e mais Profeçores de Medicina sem paixão segundo o q em D.t.^o melhor lhe parecer:

Deram o parecer a favor dos moradores fs Rua da Arrochela, o Lic.do André Teixeira de Sousa, Medico pella U. de Coimbra, João de Moraes, Medico aprovado por S.M. e juiz Delegado do Físico-Mor do Reyno e João de Castro Cardoso, cirurgião aprovado em Guimarães (col. Particular).

⁷¹ Lê-se no Boletim de Trabalhos Históricos", vol. VII: Miguel dafonseca Arrochela Presbítero provido por óbito de Matheus Peixoto de Andrade pello Cab.^o aos 10 de Agosto de 1623 a. Padrod. n.^o 14 fol. 47 devia de ser commissário do s.t.^o off.^o porq. no livro das c.tas geraes da a. de 1624 a. dis q hera contado pellos do s.t.^o off.^o passou a ser conigo no 25 a 26 Prebenda que foi Cónego Gaspar Estaço de Brito", p. 99 e na p. 116: "1.^a Prebenda Magistral - Na 3.^a Miguel da de Afonseca Arrochela foi châtre nesta lgr.^a athe os 5 dias de Abril de 1627 e depois entrou a ser Conigo na Conesia q foi de Gaspar Estaço de Brito aos 8 de Mayo de 1627 e renunciou por coadjutoria no seg.te ainda era C.^o no anno de 1635 e 26 e 37 e 38 e 39 e 1640".

⁷² M I de S. Sebastião, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães. Os padrinhos foram o avô materno e a tia Maria Pinta. Foram seus irmãos (batisados no mesmo livro assim como o casamento dos Pais): Rodrigo B. a 6.12.1592 (pad.os Jorge do vale e tia Jerónima de Almeida), + menino, Estevão a 1.3.1595 (afilhado de Manuel de Morreglo (?) e Catarina de Almeida), outro Rodrigo a 8.5.1597 (pad.os Pêro Coelho e Beatriz Machado), Jeronima de Almeida a 5.1.1601 (padrinhos o Lic.do Luís de Sousa e Maria de Miranda) casou c. Manuel de Moura Coutinho s.g. António a 12.1.1603 afilhado de Manuel de Prouve e Ana de carvalho) Lucrecia a 7.9.1610, afilhada do Cónego Jerónimo de Carvalho e do Lic.do Pêro Guedes. Alguns não são citados no Gayo, menciona mais dois Manuel de Almeida e Frei Diogo, frade Jerónimo.

paterno de Rui Vieira da Maia, instituidor do vínculo da Ameixoeira e de sua mulher Lucrecia Leborão, a árvore genealógica de Paulo de Almeida Leborão-Vieira na varonia, Leborão, apelido a conservar, merece um olhar mais atento.

Principia-se com a dos Vieiras, antiga fidalguia, tronco de muitas famílias⁷³. Veja-se: Braz Vieira, trisavô de Paulo, senhor das Quintãs e Vilar; é filho de Fernão Vieira. Casara este para o Porto era Cavaleiro da Infante D. Pedro, o infeliz Duque de Coimbra, o sangue a jorrar em Alfarrobeira. Na confusão dos nobiliários surge a dúvida: quem foi o pai de Fernão Vieira? O Contador de Entre Douro e Minho, Gonçalo Afonso Vieira? Ou seu irmão Diogo Afonso Vieira, o que ao enviuar foi Tesoureiro da Colegiada? Dum ou doutro, só um dado é certo, o avô, pai de ambos é Afonso Vieira.

Afonso Vieira, jacente em granito no claustro da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, agora Museu, góticas letras a confirmá-lo: "Esta sepultura he de Affonso Vieira e de sua neta M...". Há quem o veja, ajoelhado, as pregas do manto em forma de concha (vieiras), no cruzeiro da Senhora da Guia, sigla a repetir numa das colunas do largo⁷⁴, restos da moldura da encantadora Praça. Quem foi realmente? "Homem muito honrado", mercador a viver no Porto, como afirma Alão? Contador de Entre Douro e Minho, Comendador de Tavira, natural e morador em Guimarães no dizer do Gayo⁷⁵. Mistério, a documentação a não ajudar.

4.6.1387 – "Empréstimo duma cova e jazigo na crasta entre o portal do Paço do Prior e o portal da nave do Cruzeiro da Capela, feito pelos clérigos do coro a quem pertencia, para nele se enterrar Tareja Fernandes mulher de Affonso Vieira". Três anos depois aparece a verba do testamento de "Affonso Vieira alfeibre, mercador, a legar seus bens de raiz aos clérigos do coro com reserva do usufruto para sua mulher Tareja Affonso, que devia designar o numero de Missas que eles deviam celebrar annualmente por alma do testador". E logo, a 30.7.1491, temos Afonso Vieira "procurador da Confraria de Nossa Senhora do Serviço" (a dos tabeliães); ocupará este cargo pelo menos de 1415 a 1426 sendo morador na Praça da Oliveira e casado com Maria Gonçalves.

Pela árvore de Afonso Vieira (o mesmo dos documentos?) irrompe o Gayo. Sobe de varão em varão, recua cinco gerações, canta: - Vieiras – Alcides Mores de Tavira por 1357, do conselho d'El Rei D. Dinis, leais servidores conforme os anos, dos Reis D. Pedro, D. Fernando e D. João I. - Vieiras - Senhores da Torre de Vila Seca no condado de Vieira, comarca de Guimarães - Vieiras - geração a principiar em "Ruy Vieira fidalgo m.to autorizado no tempo de El Rey D. Affo 2º e D. Sancho Capello Senhor da Torre de Villa Secae do Castelo e Porto do Crasto no Concelho de Vieira q honrava como sua consta das Inquirições de D. Diniz", parágrafo a fechar com esta barbaridade: "etrazia a sua origem de Caio Carpio Regulo da Maia a q.m succedeo o prodigio das conxas quando passou o corpo de S. Thiago"⁷⁷.

E agora os Leburões: "Segundo o nobiliário de Toriz são suas Armas 5 lebres vermelhas em aspa q deu El-Rei D. João I a

⁷³ Todos os elementos que tenho sobre a descendência de Afonso Vieira foram tratados no meu "Velhas Casas de Guimarães II" (n 34), p.s 563-574. Dele descendem os Marquêses de Lindoso, os Vieira de Aldão, os Vieira de Carvalho, os Arrochelas etc.

⁷⁴ M^{te} Emilia do Amaral Teixeira "O Tumulo de Afonso Vieira no Museu de Alberto Sampaio e o Cruzeiro dito da Senhora da Guia", in "Revista de Guimarães", vol LXIX, p.s 67-74 e fotografias.

⁷⁵ Felgueiras Gayo "Nobiliário das Famílias de Portugal" (n 3), tomo XXVIII, Vieiras e Cristóvão Alão de Moraes "Pedatura Lusitana" (n 3), IV volume, 1º parte, Vieiras de Guimarães e Porto. Ver n 72.

⁷⁶ Abade de Tagilde "Catalogo dos Pergaminhos da Insigne e Real Colegiada de Guimarães", Lisboa, 1909, Afonso Vieira consta dos seguintes docs.: CLXVI, CLXXV, CXCII, CXCIII (apresenta o testamento de seu genro, Pêro Gonçalves, marido que foi de sua 1ª Branca Vieira) CCIV, CCX (chamam-lhe "vogado" da Confraria), CCXXIX, (empresamento na rua de Stª Maria, em nome de sua Mãe, Lourença Bartolomeu, viúva do mercador Afonso Domingues, que julgo seu padrastrô) e CCLXXXIV (obrigação duma Missa por sua Alma e de sua m.er Maria Gonçalves.

⁷⁷ Gayo (n 75).

Fernão Affonso Leborão pella m.tª inclinação q tinha à caça das lebres e era natural de Santarém meio irmão de João Affonso Santarém, vedor da fazenda de D. João I e de Fernando Affonso de Santarém Camareiro Privado do dito Rey". Prossegue o Gayo, relata a terrível morte de Fernando Afonso, o meio-irmão, Fernão Afonso Leborão, Fidalgo da Casa Real por alvará de 5.1.1476 a "recolher-se a Guimaraens com sua Amiga que despois recebeu"⁷⁸. A confirmação vem por Fernão Lopes:

"El Rey trazia huum seo camareyro que chamavão Fernand Affonso, irmão de Johan Affonso de Santarém, de que nesta obra fazemos menção, homem de prol, de bom corpo e que El Rey amava m.tª assy por o do seu irmão que o bem servya como por suas manhas e conversação de que El-Rey era muy contente". Narra como D. João I o fizera prometer "q com nenhuma mulher tivesse geito de conversação", os amores de Fernando Afonso com uma dama, os esforços feitos para tal esconder e o horroroso fim: perseguido pelos homens do Rei, refugia-se numa Igreja, abraça-se à imagem de Nossa Senhora. Preso e apesar de até ao ultimo momento esperar a clemência régia, "por ordem real helevado athe o rocyo, hoonde jaa estava huum esteyo e m.tª lenha para o queimar: deram-lhe fogo e assy morreo"⁷⁹. Atormentado a visão das chamas a torturarem-no, Fernão Afonso vem para Guimarães.

Sucedo-lhe seu filho, Duarte Fernandes Leborão, casado com Catarina de Almeida. Os seus bens: Capela de S. Braz no Claustro da Colegiada, Casal do Proposto, Prazo do Gaiteiro, casas na rua de Fornos, etc, seguirão na descendência de seu primogénito, Damião Leborão⁸⁰. Uma das filhas, Lucrecia Leborão casa com Rui Vieira da Maia, Morgado da Ameixoeira. Vieiras e Leborões unidos por este casamento, o neto, Paulo de Almeida Leborão, é o marido, como já se viu de Dona Helena de Arrochela.

Neste apanhado, desenhada a árvore nos seus ramos principais, reunidos os apelidos continua-se com o filho de Paulo de Almeida Leborão e de sua mulher: Nicolau de Arrochela Leborão de Almeida Sodré, Fidalgo da Casa Real e morador em Arões, na sua quinta da Igreja; a filha, Dona Prudência de Almeida Leborão é casada com Torcato de Barros, também fidalgo, Senhor da Casa do Melhorado em Basto, têm muita geração⁸¹.

Casa Nicolau de Arrochela Leborão de Almeida Sodré com Dona Leonor de Távora e Almada, da Casa de Azenha, freguesia da Costa em Guimarães, matrimónio abençoado nos seus filhos: três freirinhas em Vila do Conde, um frade Jerónimo, eleito Prior em 1736, um Frei Bernardo, um monge de S. Bento, revoada de hábitos e orações, destacam-se os dois mais velhos: Heitor de Arrochela Leborão de Almeida Sodré, a continuar a família e João Leite de Arrochela, a morrer solteiro.

⁷⁸ Gayo (n 75), Tomo XVI, Leburões.

⁷⁹ Fernão Lopes "Cronica d'El Rey don Johan". Parte Segunda Lisboa, Imprensa Nacional, MCMLXVII.

⁸⁰ Gayo (n 75), Tomo II, Almeidas & 14 e & 15, Tomo XIX Machados, & 3 e & 14 onde segue a geração de Damião Leborão, sucessor; irmão de Lucrecia. Em seu primogénito Fernão Leborão de Almeida continua a Capela de S. Braz, a dos Leborões, que pelo casamento de sua 1ª Ana Barbosa com Gregório do Amaral Castelo Branco foi com a representação cair na Casa de Sezim (V. "Velhas Casas II" (n 17) p.s. 714716. Não se entende porque é que o apelido seguiu também na descendência de Lucrecia. Os outros f. os de Damião Leborão, Miguel Leborão de Almeida e Maria de Almeida, partilharam entre si a herança de sua irmã Catarina de Almeida: Casal do Proposto, casas na rua de Arcela, prazo do Gaiteiro, etc. Por não terem filhos, deixam tudo a sua sobrinha Joana de Azevedo, f. de sua irmã Ângela de Miranda e marido Paulo Vaz de Campos, m.ores na freg. do Mosteiro de Refoios, Cabeceiras de Basto, c.g., Leborões do Morgo de Ruivães. V. "Velhas Casas II" a do Arco, p. 926 e o meu "Cabedais do Brasil em Guimarães", separata da "Genealogia e Historia", nº 9/10

⁸¹ V. "Velhas Casas II" (n 37), Casa do Cano, p.s 578-580.

Nas gerações vindouras cairão outros morgadios e representações: Dona Bernarda Maria de Castro Moraes e Távora, mulher de Heitor de Arrochela Leborão é filha de Francisco de Castro de Moraes, Fidalgo da Casa Real, Comendador de Bugalhal na Ordem de Cristo, 8º Padroeiro do Padroado de Nossa Senhora do Pópulo e senhor do seu Morgadio, Padroeiro do Capitulo do Convento de S. Francisco em Bragança⁸² e da Capela de Santa Catarina, e de sua mulher e prima Dona Maria de Távora Leite.

Procura-se uma pausa, opta-se por um pequeno desvio. Francisco de Castro de Moraes foi também Governador de Pernambuco e da Capitania do Rio de Janeiro. Desvio sacudido, atordado pelo troar dos canhões, pelas lutas. Luís XIV, Rei de França, patrocina sigilosamente a expedição do corsário francês Jean François Duclerc, ao Rio de Janeiro, a cobiça aguçada pelo faiscar do ouro e pedrarias. Não atacam por mar, em Setembro de 1710, seis navios atracam em Guaratiba. Avançam os inimigos por terra: Jacarepaguá, Engenho Novo, Engenho Velho, Catumbi, entram na cidade. Francisco de Castro de Moraes e mais autoridades, perplexos, desorientam-se. Levanta-se a população: fidalgos, sacerdotes, magistrados, estudantes, gente do comércio, mulatos, escravos, à paulada, à pedrada, com cacos de vidro fazem frente aos invasores, desbaratando-os adiantam-se por fim as tropas, os franceses perdem 400 homens, os locais 50, Leclerc é preso, e mais tarde assassinado na prisão. Por quem? Quem foi?

12.09.1711. Pelo meio dia dissipa-se o nevoeiro, mostra o esplendor da Baía de Guanabara uma esquadra de 17 navios: é o famoso corsário Duguay-Trouin, com muitas centenas de canhões e três mil homens. É a vingança da França? Pela indecisão estacam as nossas defesas. Desembarcados na Ilha das Cobras, os franceses, bombardeiam do alto dos morros, a população em pânico, o governador, as autoridades, o exercito refugiam-se no Engenho Novo. Tremendo temporal abate-se sobre as gentes em fuga. Ao amanhecer Duguay-Trouin é senhor do Rio. Tudo saqueia, intimida Francisco Moraes, sob a ameaça de tudo incendiar, a entregar-lhe 610 mil cruzados, 400 caixas de açúcar e 200 bois. Parte vitorioso⁸³. A pergunta fica: Não se resistiu para salvar vidas? Tirando a mácula, não valeria mais pagar, como pagaram o tributo? Voltou ao Reino o Governador?

Deste desvio, regressa-se aos Arrochela Vieira Leborão então em Guimarães na Rua da Caldeiroa. Entra-se de chofre nos já descritos festejos em honra de Sua Alteza Real o Senhor D. José, Arcebispo e Senhor de Braga⁸⁴. Nicolau

⁸² Ao falar do padroado do Capitulo da Igreja de S. Francisco em Bragança, o Abade de Baçal nas "Memorias Archeologicas e Historicas do Distrito de Bragança", Tomo II, p. 347 diz que a fundação do Convento de S. Francisco de Bragança, perde-se no tempo tendo um Moraes dado o terreno para a sua construção, incorporando-se nele a sua Capela de Santa Catarina (reinado de D. Afonso II?). Dá como representante desse antiquíssimo padroado Don Francisco de Paula Corrêa de Moraes e Castro Lozano Pimentel Abarca, F.C.R., Conde de La Rosa, nat. de Pamplona, cujo filho, Francisco, * em Bragança a 09.04.1797 (p. 686 do VI vol). Relata ter sido sepultada em 1801, nessa capela uma senhora oriunda da Casa de Machucas, aparentados com os padroeiros. E prosegue: "... muito menos pertence esta sepultura aos fidalgos Arrochela de Guimarães nem aos da vila da Barca, Manuel Pereira de Castro Pimentel, como se diz nos "Costados Genealógicos" impressos em 1720, dando-os aí como parentes mais próximos a representação". Acrescenta depois: "... Porem nem mesmo assim porque parentes mais próximos são os Viscondes de Azenha, pois que o pai do actual visconde, Bernardo Corrêa de Moraes, era filho de D. Maria Correa de Moraes e Castro, Dama de Honor de D. Carlota, Princesa do Brasil, e irmã do pai do Conde de la Rosa, residente em Pamplona e agora senador em Madrid".

Rectifiquemos: quem tinha a representação era o pai de D. Bernarda, Francisco de Castro de Moraes Pimentel, também sucessor nos outros vínculos. Por legitima varonia era 13º neto de Martim Fernandes Pimentel e o 6º avô foi Gil Afonso Pimentel, natural de Ciudad Rodrigo e x com D. Leonor de Moraes, f herda de Gonçalo Roiz de Moraes, 8º Padrº do Capitulo do Convento de S. Francisco em Bragança e de sua mer. D. Maria de Sousa, Seguiu o Padroado no primogénito de Gil Afonso: Álvaro Gil de Moraes, 10º Padroeiro. Neto deste foi Aleixo de Moraes Pimentel, 12º Padroº, Com.or na O. De Cristo, Vedor da Fazenda da Infanta D. Maria (irmã de D. João III). De seu fº mais velho Gaspar de Moraes Pimentel, 13º Padrº, acabou-se a geração em sua bisneta, D. Ana Maria de Moraes. Passou a Casa para a descendência do fº segundo Jaime de Moraes Pimentel, x com D. Antónia de Castro, 4ª Srª do Padroado do Convento de N. Srª do Populo em Alijó, vínculo a continuar em seu neto Gregório de Castro Moraes, Com.or do Bugalhal na O. De Cristo, Sargento-Mor da Batalha, Governador na Província de Trás-os-Montes x com D. Catarina Veloso Teixeira. Na descendência de seu fº e sucessor, Gregório de Moraes e Castro prova-se ser Francisco de Castro de Moraes Pimentel, o legítimo senhor desses padroados e vínculos. V. o *Gaio*, Tomo XXII, Pimentais, Tomo XX, Moraes, "Pedatura", "Memorias Archeológicas" em diversas p.s, etc.

⁸³ Joaquim Veríssimo Serrão "História de Portugal", Editorial Verbo, vol. V, p. 314, Pedro Calmom "História do Brasil", vol. III, p. 987-995 e Viriato Corrêa "História do Brasil para Crianças", Companhia Editora Nacional, 1939, p. 130-139.

⁸⁴ 1º vol. Citado na nota 55.

António de Arrochela de Almeida Sodré, Fidalgo da Casa Real, Familiar do Santo Ofício (1753), Morgado da Arrochela, Paço e Ameixoeira, filho de Heitor de Arrochela Leborão de Almeida Sodré, neto materno de Francisco de Castro de Moraes, entra garboso, feliz, em 1746 nas vistosas cavalhadas. Correm-se alcanzias, frangos, patos, sortilhas a fecharem em alegres escaramuças. Casado com Dona Francisca Vitória Pereira de Soutomaior Rebelo, da ilustre Casa de Cartemil em Ponte de Lima, dois dos seus filhos⁸⁵ prendem mais a atenção.

O mais velho é Heitor de Arrochela Malheiro Vieira de Almeida Sodré de Castro Moraes Pimentel. Sucede ao Pai nos morgadios e acrescenta, possivelmente por extinção da linha representante, os apelidos da avó. Sua mulher, Dona Margarida Isabel de Freitas Faria Gouveia, é Senhora de vários bens em Castelo de Paiva e outros lugares⁸⁶. Vereador da Câmara de Guimarães, clam.a, a 04.08.1766, com Luís Pimenta de Lemos, também vereador em defesa do Toural. Querem conservá-lo, assim magnifico "em toda a sua extensão por ser hum rexió planno quadrado q confronta com o muro da m.ª ficando-lhe de cada lado sua tore alta junto ao mesmo muro e no meio hu grande chafaris e hum passadiço a modo de cais mais levantado ao longo do muro com escadas a todo comprim.to que dessem p.º o dtº rexió e com assentos de pedra pegados ao muro e continuados q tudo faz hum aspecto delicioso a vista". O Juiz de Fora, a servir de Provedor da Comarca aforrara a alguns negociantes⁸⁷ para cada um edificar a sua casa "a beira do muro encostadas a elle arbitrando-lhes seus foros respectivos anuais pº a Camara com o pretexto de q a Resol.am regia de sete de Ag.tº de 1766 lhe dava essa facultade". Tal resolução era só para os arrebaldes das cidades e vilas nunca para suas melhores praças. Tal acontecendo onde se fariam as feiras semanais com "grande concurço de gente", onde se armariam as tendas, a deixarem de ver todas semanas, a variada "Enfenidade" de teias de linho e estopa pelas escadas abaixo para melhor se venderem? Onde formar os regimentos dos soldados a virem de fora? Não havendo outra praça igual na vila levantam-se contra os ditos aforamentos "feitos contra a forma e espírito das Leis e com Gal escandallo e clamor da nobreza e Povo e com pouco zello do bem Pubº e só a benefecios de emteresses Particulares dos sup.dos e da sua Eidropica cobiça"⁸⁸. É tudo em vão. Anos mais tarde, estreita-se a Praça, enobrecida por um corrente de novas casas.

Larga-se Heitor, o primogénito desloca-se o escrito para Lourenço de Arrochela Malheiro, o filho segundo. Com ele atravessam-se os mares, ondas revoltas a baterem no bojo dos navios. Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, do Conselho d'El Rei D. João VI, Desembargador dos Agravos da Casa de Suplicação do Rio de Janeiro, Chanceler da Relação do Maranhão em 1823 (S. Luís feita de pedra e azulejos vindos do Reino) Desembargador da Relação da Baía, ladeira abaixo, ladeira acima, do Conselho Ultramarino em 1826⁸⁹, recolhe-se cansado à terra natal.

Talvez lembrado do branco casario, avistado ao longe, lá no alto, visto dos baixos da Rua da Caldeiroa, a sonhar na infancia com mais grandeza e pompa, compra então, em 1829, o Palacete de Vila Flor.

⁸⁵ D. Francisca Vitória era fº de António Pereira Malheiro, F.C.R., suc., e sua m.er D. Ana Antónia Pereira Ferraz, neta pat. de António Pereira Malheiro, F.C.R. e de sua mer. D. Francisca Pacheco de Amorim, Srª da Casa de Cartemil, Gemieira, Ponte de Lima e mat. de Gaspar Marinho Pereira Ferraz, F.C.R., Morgado de Barreiro e de sua mer. D. Maria Pereira de Soutomaior; fidalgas casas donde descende m.tª nobreza minhota.

⁸⁶ Era Srª das q.tas de Covelo e Pousada em Castelo de Paiva e da de Covelinhas, junto a G.es, fº herda de António de Freitas de Faria, sr. das d.tas e de sua m.er D. Francisca Leonor Machado Lobo neta pat. de António de Freitas de Faria, vereador no Porto, sr. da q.tª das Devezas em Gaia e sua m.er D. Joana Isabel Lobo de Aguiar e mat. de Francisco Lobo Guimarães, C.O.C. e sua m.er D. Maria Lobo de Faria.

⁸⁷ Eram: António Gomes de Sousa, João Baptista Gonçalves, Luís Gomes de Sousa, João Baptista Teixeira, António José de Macedo, André Coelho Rodrigues e António Alvares Ribeiro. Anos depois conseguiram os seus fins, construindo as suas casas, conforme o risco vindo de Lisboa.

⁸⁸ Exposição feita pelos vereadores Heitor Arrochela Vieira Almeida Sodré e Luís Pimenta de Lemos pedindo a conservação do Largo do Toural e sua primitiva traça e contra a destruição da muralha (coleção particular).

⁸⁹ A. Silveira Pinto e Visconde de Sanches de Balena "Resenha das Familias Titulares e Grandes de Portugal", Lisboa, 1896, p. 142-145.

IV

Regressado do Brasil, já antes de comprar o Cavalinho (ou Vila Flor, como o queiram chamar), a assinatura de Lourenço de Arrochela Vieira de Almeida, aparece em alguns documentos, a retratarem a complicada época. O seu nome também figura, entre os dos proprietários candidatos à eleição nas Cortes de 06.10.1822.

Chega o ano de 1823, acompanhado dos cânticos da Constituição, mas em Fevereiro, insurge-se em Chaves o Conde de Amarante. À sua voz levantam-se os povos, principia o movimento das tropas. Por Guimarães passam as companhias e 70 dos seus habitantes, entre os quais Lourenço de Arrochela, assinam o "Auto de Reclamação", contra a revolta de Chaves, grito a espalhar-se com rapidez e agrado. O visconde de Azenha, reputado miguelista, entra na vila em Agosto: recebem-no com alegria. Ao som dos sinos, das girândolas e foguetes, queimam o livro onde se jurara a Constituição. Lourenço de Arrochela, firme nos seus ideais, assinara a 31.01.1823, "a mais completa e inabalável adesão a D. João VI e a toda a Família Real e assi provar a todos o ódio que sempre tiveram a este Governo intruzo". Arrefece nos anos em que campeiam os partidários do Infante, ressurgem em 1825 no "Auto da Camara para se jurar a Constituição", o fidalgo do Tournal⁹⁰ e mais alguns, a festejarem com ruído, e como conselheiro, dá juramento, a 31.07.1826 "quando El-Rei D. Pedro IV, dá a Carta a estes Reinos"⁹¹.

Depois, a 13.04.1828, "o Conselheiro Lourenço de Arrochela Vieira Malheiro dirige um officio ao Senado agradecendo as lisonjeiras expressões do officio que esta Camara lhe dirigiu em 5 d'este por ser Procurador às Cortes deste Senado e enquanto à ajuda de custo de que se falou, tinha gosto em dispor della em beneficio das despesas do concelho, dando-se por muito satisfeito da escolha que este Senado fez com uma missão que tanto estima"⁹².

O tempo passa. Distribuem-se as Medalhas "De Fidelidade ao Rei e à Pátria", há tiroteios, prisões; miguelistas e liberais à cacetada, exultantes ou acabrunhados, conforme as suas glórias ou revezes. Abateu-se o silêncio sobre os dias do Conselheiro Lourenço: em 1829, veio-lhe às mãos, como já se viu, por compra, Vila Flor ou Cavalinho, pois a linda Casa responde pelas duas designações.

"A 21.02.1836 falece em Arões na sua quinta da Arrochela, Lourenço de Arrochela, senhor da Casa e Quinta do Cavalinho. Foi sepultado no dia seguinte na Igreja Paroquial da Freguesia onde faleceu". Lê-se na certidão d'óbito: "Lourenço de Arrochela Vieira Malheiro da Casa da Arrochela desta freguesia faleceu da vida presente aos vinte e dois dias do mez de Fevereiro de mil e oitocentos e trinta e seis com todos os sacramentos, excepto o da eucaristia por não estar em seu juizo. Era solteiro e Desembargador e Conselheiro do Conselho d'Álem-Mar e por testamento, por ele enfermo feito e aprovado por Nicolau Teixeira, Tabeleão da Villa de Guimarães, nelle quanto ao Pio, deixou tão somente trinta Missas de duzentos e quarenta cada huma, dez por si, dez por seus Pais e dez por seus irmãos e nada mais constava"⁹³. Contará mais o testamento.

⁹⁰ V. o meu "Fidalgos do Tournal", separata de Revista "Genealogia e Heraldica", nº 5/6, 2001.

⁹¹ Autos tirados dos livros das Vereações da Câmara de Guimarães, do que principia a 18.12.1822 e termina a 23.11.1823, fls 126-129 e do começado a 30.07.1825 acabado a 29.07.1829 - Arquivo Municipal Alfredo Pimenta e publicados no "O Independente", semanário vimaranense, no "Folhetem-Antiguidades", II, III e IV.

⁹² João Lopes de Faria "Efemérides Vimaraneses" in "Revista Gil Vicente", vol IV nº 11-12, José Maria de Sousa da Silveira, eleito para o mesmo cargo, redige idêntico officio.

⁹³ Idem XII e o assento d'obito no Livro 2 da freg^a de S. Romão de Arões, Fafe, Arq. Distrital de Braga. O testamento deve estar num dos inúmeros livros de notas do Tabeleão Nicolau Teixeira de Abreu no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

Sem descendência, legou Vila Flor a um dos seus sobrinhos⁹⁴: o primogénito de seu irmão Heitor; Nicolau de Arrochela Vieira de Almeida Sodré Leborão de Moraes Pimentel, a viver, como quase toda a família, em casa do tio. Nascido a 8.12.1799, bacharel em Direito (Universidade de Coimbra), foi em 1829 o jovem Juiz de Fora em Mesãozinho. Candidatara-se, a 7.5.1828 na eleição dos Procuradores às Cortes (só teve dois votos) e a 5.2.1829, abriera as cavalariças do Solar: "oferecera", como outros, os 13 cavalos exigidos para a remonta da Cavalaria da Guarda Real da Cidade do Porto. Duas perdas sofrera a seguir a sua família: a 7.3.1830 morre o bacharel António Sabino de Arrochela, seu irmão (tinha vinte e poucos anos) e a um de Maio do mesmo ano sua tia Dona Antónia⁹⁵. E "como as pessoas de bem da terra" assistem à posse, a 14.7.1833, de D. Manuel Telles da Sylva, novo D. Prior da Colegiada, nomeado por D. Miguel, ei-lo a assinar como testemunha e a saborear o faustoso copo d'água, convidado pelo Tesoureiro-Mor, assim como "a melhor nobreza"⁹⁶.

Nicolau de Arrochela, Senhor de Vila Flor ou Cavalinho, Fidalgo da Casa Real por sucessão a seu Pai, "Morgado do Paço, Arrochela e Ameixoira, 27º Administrador da Capela e Morgado de Stª Catarina na vila de Chaves, 26º Padroeiro do Capitulo do extinto Convento de S. Francisco de Bragança (jazigo dos Pimentais)⁹⁷, ambos por direito de sucessão, 9º Padroeiro e Administrador de N. Srª do Pópulo na freguesia de S. Sebastião do Pópulo concelho de Alijó, e por herança materna senhor das quintas de Covelo e Pousada em Castelo de Paiva e Covelinhas, junto a Guimarães"⁹⁸. Com ele, entra Vila Flor no máximo esplendor.

Ainda incompleta, ostenta a Casa, as suas Armas. Bem no alto, levantadas, ao cimo da porta, na curva do telhado. É um grande brasão esquartelado: no 1º Vieiras (a varonia); no 2º ?, no 3º Almeidas e no 4º Sodrés. Remata o conjunto o timbre: "uma vieira do escudo sobre dois bordões de S. Tiago, vermelhos, forrados de ouro, postos em aspa, atados com torçal de prata", a Coroa de Conde⁹⁹ a não tardar. Em fila, na fachada lateral, as estátuas de pedra dos primeiros Reis de

⁹⁴ Alem dos filhos de sua irmã D. Bernarda Severina (ou D. Bernarda Josefa) Pereira Malheiro e Castro c.c. Rodrigo Lobo Machado e Couros, F.C.R., Sr. da Casa do Santão que tiveram geração (Lobo Machados Viscondes de Paço de Nespereira, Lobatos de Azevedo dos Viscondes de Magé (v. o meu "Velhas Casas de Guimarães" (nº 3), p.5 94-5, Quinta do Selho de Riba e os Arrochela Lobos) tinha os de seu irmão Heitor: Nicolau, que foi seu herdeiro, D. Maria do Carmo, 1ª m.er de Cristovão de Almeida de Azevedo e Vasconcelos, Morgado da Q.t do Testamento, de Stª Antónia de Vouzela e de S. Pedro do Sul, F.C.R. casamento do qual só teve 1 filho: Cristovão + m.; António Sabino, D. Carlota e D. Ana, os três sem geração.

⁹⁵ V. nota 92, vol. IV, nº 7/8 e vol. VIII, nº 5/6.

⁹⁶ V. o meu "Ao Redor de Nossa Senhora da Oliveira" (n 55), p. 317.

⁹⁷ V. nota 82. Como aí se lê Francisco de Castro de Moraes Pimentel, Governador de Pernambuco e do Rio de Janeiro, depois de varias contingências sucedeu no Padroado do Capitulo do Convento de S. Francisco de Bragança. Foi seu filho varão e sucessor João de Moraes Pimentel, F.C.R., T.te Coronel de Infª de Chaves, c.c. D. Joana Maria Leonor de Mariz Sarmento. Foram pais de Lopo José Sebastião e de Francisco António de Moraes Pimentel, Sucessor, F.C.R. c.c. D. Maria Isabel da Costa Pereira, Srª dum morgadio na Ponte da Barca.

Tiveram:

João de Moraes Pimentel, que segue, Francisco de Moraes, Juiz de Fora em Esposende; Gregorio de Moraes, Governador de Cabo Verde e duas senhoras recolhidas no Salvador de Braga. - João de Moraes Pimentel, F.C.R., Com.or de Stª Maria Madalena de Grijó c.c. D. Maria Antónia Leonarda da Fonseca, pais de D. Ana Maria de Moraes c.c. José Gabriel de Araújo; D. Maria Amália de Moraes c.c. Manuel Pereira; Francisco de Moraes Veloso e Castro, Ajudante do seu tio e D. Francisca Carolina. Se de nenhum destes houve geração, o que não pude averiguar, a representação do Padroado pertence de facto ao Conde de Arrochela, por sua bisavó ser a irmã imediata do T.te Coronel João de Moraes Pimentel. V. o Gayo, Tomo IV, & 155, Moraes Castro Araujos da Barca e Tomo VIII & 43. Francisco Xavier de Moraes Sarmento em "Famílias Transmontanas", Edição dos Carvalhos de Basto Ldª, 2001, na p. 139 do Tomo II, diz que a Francisco António Xavier de Castro Moraes Corrêa Pimentel, D. Maria I, a 27.1.1779, fez mercê dos "Bens dos ausentes das comarcas de Miranda e Bragança que entraram em sua Casa por mercê dos seus antecessores, feita a Gregório de Castro Moraes, seu 3º Avô". Diz mais na p. 131: "A 21.12.1791, dizendo-o 4º neto de Gregório de Castro Moraes, foi-he feita a mercê dos Bens dos Ausentes, como obteve seu Pai, a D. Francisco de Paula Corrêa de Moraes Sá e Castro Pimentel e Abarca, Conde da Rosa e Barão de Gobin".

Ignoro o motivo de tais mercês e se o Padroado nelas estaria incluído, sei que não eram o ramo primogénito, pois descendiam dum filho segundo de Gregório de Castro de Moraes. Na p. 48 do I Tomo lê-se a instituição dum morgadio (1703), o dos Machucas, com Capela em S. Francisco de Bragança e na p. 64 que o sucessor o Marechal de Campo Francisco Antonio da Veiga Cabral Pimentel, I Visconde de Mirandela, bisneto de um dos instituidores, foi Padroeiro do Capitulo do Convento de S. Francisco. Por quase desconhecer o assunto, limito-me a copiar alguns livros.

⁹⁸ Livro da nota 89, Condes de Arrochela, p.5 142-145, aí se lê ter sido o Conde de Arrochela 26º Padroeiro.

⁹⁹ Armando de Matos "Pedras de Armas de Portugal", / Ed. de Fernando Machado, Cª Ldª, 19477 (fotografia).

Portugal e os belos jardins são, num dizer antigo “como os dos Condes de Vila Pouca, dispostos em tabuleiros como os degraus de um throno, guarnecidos de bonitos lagos, estátuas, vasos, pyramides e balaustradas de pedra”¹⁰⁰. Não admira ser a Casa escolhida para receber Sua Alteza o Príncipe D. Fernando, marido de S.M., a Rainha, Dona Maria II, de visita ao Norte. Devia chegar a 11 ou 12.7.1836.

Prepara-se o Cavalinho para hospedar o Príncipe. Em Guimarães levantam dois arcos: um à entrada da vila, junto à Ponte de St Luzia, outro “no sitio da rua a dar entrada para Vila Flor”. Espera-se “a Muzica grande para tocar à chegada de S.A. a Vila Flor e no principio da rua que da entrada para a Casa do seu Alojamento”. Guardado “está grande quantidade de fogo no ar, para ser lançado à chegada e durante o tempo que aqui se demorasse”. Vila-Flor-Cavalinho - atarefa-se em preparativos. Vai hospedar o Príncipe, o seu secretário, Conselheiro Carlos Dietz, o seu Ajudante de Campo, Barão Dieshaus, o seu médico e dois dos seus Ajudantes às Ordens. A restante comitiva irá para outras casas na vila¹⁰¹. Nicolau de Arrochela preside aos trabalhos: espanadores e cabeças de preto em grande movimento, valiosas loiças e pratos a saírem das arcas e armários, jarros e bacias prontos para as águas quentes, camas fofas, legiões de impecáveis creados, num corre-corre, atentos, instruídos a não estranharem o falar dos Augustos personagens. A mesma azáfama percorre os jardins: os jardineiros limpam repuxos, dão mais cor aos canteiros, aconchegam sombras e recantos. Afinal o Príncipe não vem, fica no Porto.

Nicolau de Arrochela, que a 13.4.1834, foi nomeado na “Comissão para a liquidação das perdas e danos a cada um dos fieis súbditos de S.M. Fidelíssima a Rainha Senhora Dona Maria II, por meio de vitórias e louvações”¹⁰² longe a guerra com suas misérias e vitoriosa a sua causa, recebe várias mercês. Senador desde 1828, Moço-Fidalgo da Casa Real a 10.3.1840, com exercício a um de Abril, Escudeiro-Fidalgo a dois de Junho (“declaram que esta mercê feita a titulo de substituição do foro de fidalgo cavaleiro que teve seu 6º avô Rui Vieira da Maia”)¹⁰³. Entretanto abriram-se com estrondo os portais de Vila Flor. Conta-se a cerimónia:

17.5.1840. O noivo “o Ill.mo Nicolau de Arrochela Vieira de Almeida, filho legitimo do Ill.mo Heitor de Arrochela Vieira de Almeida e de sua mulher Dona Margarida Isabel de Freitas Faria e Gouveia, Fidalgo Cavaleiro com acrescentamento de Moço-Fidalgo da Casa Real, natural de S. Romão de Arões e residente há muitos anos na sua quinta de Vila Flor”. A noiva “a Ex.ma Dona Virginia Thatcher, filha legitima do Ill.mo Thomas Thatcher e da Ex.ma Dona Hannah Peters Thatcher, natural das Bermudas, nas Ilhas Ocidentais”, casam no Oratório de Vila Flor: Procurador dela: “o Ex.mo e Ill.mo João Bptista Felgueiras do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Comendador da Conceição e membro Efectivo

¹⁰⁰ "Archivo Pitoresco" Tomo VI, 1864, p. 340.

¹⁰¹ V, nota 70. “Curiosidades de Guimarães” X- Instrução. Irmandades. Visitas Régias. Cavaleiro de Cristo., p. 111: “...que o Duque da Terceira com o Official da Secretaria de Estado, seu Medico e mais dois dos seus Ajudantes d’Ordens fossem aposentados na caza do Barão de Vila Pouca; I que o Marquêz de Saldanha com hum Ajudante de Campo fosse aposentado na caza de D. Maria José do Amaral Branco; que o Ministro da Belgica o Cavaleiro Silvano Vander e hum Ajudante de Campo de S.A.R. para a caza do Arco de Bernardo Correia, Visconde de Azenha, que o Quartel Mestre General e hum Ajudante de Campo na caza de Domingos Cardoso de Macedo; que o Ajudante General Conselheiro João Sarmento na caza de João de Mello Sampayo; que dois Ajudantes de Campo de S.A.R. na caza de Vicente Pindela; que outros dois ajudantes na caza de Rodrigo Lobo; que o Governador Civil na caza de Manuel Joaquim Pereira Soares; que um outro ajudante na caza de Dona Luiza Coelho; que hum outro na caza de D. Catharina Maria”.

¹⁰² João de Meyra “O Setembrismo em Guimarães”, m.s. Desta Comissão fizeram parte, além de Nicolau de Arrochela, os Bachareis Agostinho Vicente Ferreira de Castro e Manuel José de Souto e cono auxiliares José Joaquim Vieira e António Ribeiro da Costa Sampaio.

¹⁰³ V, nota 92, vol XVI, Jan-Dez.

do Supremo Tribunal da Justiça”. Procurador dele: “o Ex.mo e Ill.mo João de Mello Sampayo, Moço-Fidalgo com exercício”. Testemunhas: “o Ill.mo Rev.do José Joaquim de Abreu, Ill.mo Rev.do José António de Freitas Castro, Cura da Real Colegiada e Cavaleiro da Conceição e muitas outras pessoas”¹⁰⁴. Podem repicar os sinos.

Vogal efectivo do Tribunal da Justiça, eleito com 22 votos a 19.6.1842; dias depois, a cinco de Julho, nascem-lhe as gémeas: Dona Brites e Dona Helena. Logo no ano seguinte, chega a terceira: Dona Mecia, nascida a 8.10.1843. Pai de três meninas, qual a posição de Nicolau de Arrochela nos acontecimentos seguintes? Atente-se:

Em 1844 grassa o descontentamento contra o Governo. Em Fevereiro arrebenta a revolta em Torres Novas, alastra, progride. O Conde de Bonfim, considerado chefe exonerado, a sua tropa derrotada em Março pelo Barão de Fonte Nova. Portugal mergulha nas contendas, na desconfiança, num ou noutro sangrento reencontro. Preparam-se as eleições, agitam-se os povos.

Casa de Vila Flor, 9.5.1845. Há uma grande reunião. Conspira-se. “Miguelistas, setembristas e cartistas amuados, tratam de fazer opposição ao Governo nas próximas eleições. Entre outros assistem o Visconde de Azenha, o Barão de Almargem, Luis Barroso, etc. O resto, com raras excepções, era composto de proprietários, homens revolucionários sem moral nem religião. Nomeiam diversas Comissões, presidindo à Comissão Eleitoral, o dono da casa, Nicolau de Arrochela, sendo secretários José Inácio e Domingos da Paz”¹⁰⁵. As salas de Vila Flor, ainda cheiram a rapé, a tabaco e a vinho. A 13, como membro da Comissão, a que tem à testa o seu rival, o Conde de Vila Pouca, opima sobre o orçamento necessário para a construção da cadeia¹⁰⁶.

Ai meu Deus! Tudo estoira em 1846. Voltou a guerra? A multidão, armada de paus e foices, vinda das freguesias vizinhas, invade a vila aos gritos. Dão vivas à Rainha, morras aos Cabrais, abaixo aos tributos. Proliferam as guerrilhas, a tropa dá-lhes caça. A do Padre Casimiro, “Defensor das Cinco Chagas”, já avança sobre as Taipas.

A 27.5.1846, junta-se o povo na Praça da Oliveira. Querem ver, querem saber. Elege-se a “Junta Governativa da Provincia do Minho”, confusa aliança entre setembristas e miguelistas. Nela, confiam os primeiros, alargarem as suas forças, aguardam os segundos, numa vã esperança, festejada com foguetes, conseguirem um dia os seus fins. Preside o Visconde de Azenha, vogais são Almargem e Arrochela. A 21, vão a Braga, conferenciar com as autoridades, não conseguem passar a Falperra. Insistem. Por fim já lá estão, a dois de Junho, regressam da cidade dos Arcebispos. Mal chegado, Nicolau de Arrochela, é pai de outra menina: Dona Leonor nasce a 10.6.1846.

Tomam alento os miguelistas, entusiasmam-se com a aliança: em Guimarães aclamam Rei D. Miguel. Sonham com o regresso. A 30.12.1846 tremem na vila juntamente com os setembristas, entra a tropa do cartista Barão do Casal: 600

¹⁰⁴ Livro de Casamentos da freguesia de Stº Estevão de Urgez de 182.1816 a 8.5.1856, Arq. Mun. A. Pimenta. No de Baptisados (nº 877) está a seg. te certidão: “D. Virginia f.ª do Ill.mo Tomas Tatcher e da Ex.ma Srª D. Annah Peteres Tatcher nascida nas Bermudas Índias Orientais c.c. Nicolau de Arrochela Vieira de Almeida da Casa de Vila Flor tendo de idade de 30 anos em virtude da licença de S. Ex.cia Rev.ª o Sr. Arcebispo Primaz, baptisada a 25.3.1848 subcondition em virtude de ter sido baptisada segundo a Igreja Anglicana. Padrinho o Duque de Saldanha João Carlos de Saldanha Oliveira Sousa e Daun e por sua proc. António de Nápoles Vaz Vieira de Melo e Alvim. (pesquisa de D. Lucinda Simões)

¹⁰⁵ V, nota 193 e manuscrito do Conego J. Pereira Lopes: “Efemérides Vimaraneses”.

¹⁰⁶ Nota 102.

ou 700 homens (Cavalaria 6 e 7, o Batalhão de Caçadores 3, parte de Infantaria 3). O menos que sofrerão será com o pesado fardo dos aboletamentos, a Vila Flor toca albergar o Comandante da força, o Coronel de Cavalaria Pinto de Lemos¹⁰⁷. É o auge da Guerra da Patuleia, termina a 24.7.1847, fruto da escandalosa Convenção de Gramido. Sem glória, mas pelo menos acalmam-se os ânimos, a mortandade para.

Paz cortada por rusgas e atritos. O Governador Civil de Braga, o Conde de Vila Pouca (cartista) demitido a 21.12.1847. O honroso cargo entregue ao setembrista Nicolau de Arrochela. Posse tomada, começam as visitas de cumprimentos: a Secretaria do Governo Civil, ao Quartel General, ao Juiz de Direito. Esbarra com "frieza e repulsa". Avisa-o o General:

" - Se Vossa Excelência não está disposto a seguir o programa da próxima eleição, o adoptado pelo Governo, não conte com o meu apoio; não respondo pelo Regimento 8".

Passa-se isto a 23, a tropa bem apetrechada "pela distribuição de muitos cartuchos na véspera". Nicolau de Arrochela demite-se do efémero cargo. Retoma-o, no ultimo dia do ano o Conde de Vila Pouca¹⁰⁸. Entristece-se o senhor de Vila Flor? O desaire é recompensado pela elevação a Par do Reino (decreto de 22.19.1847) e o nascimento de mais filhos, dois rapazes: Heitor a 10.3.1849 e Lourenço a 28.5.1851¹⁰⁹.

- "Vem aí a Rainha! Os Reis vem aí!". E Guimarães, engalanada, assombrada, recebe-os a 15.5.1852. Agora sim a Família Real vai para Vila Flor.

Entraram às nove da manhã vindos de Braga: a Rainha, seu Augusto esposo, o Príncipe Real, o Infante D. Luís, Duque do Porto, toda a restante comitiva. Ruas enfeitadas, plebe extasiada, passam as carruagens. O Presidente da Câmara, o Ill.mo João Machado Pinheiro, num brilhante discurso, recebe os Reis num palanque no Tournal. Entrega-lhes a chave da vila. De lá "seguem pela rua dos Mercadores que estava bem guarnecida e alcatifada de baeta cor de purpura no centro e pelos lados de ervas odoríferas, e as janelas apinhadas de senhoras e adamascadas, até à Colegiada onde foi recebida pelo Cabido com a cerimónia do costume e em seguida levantou o Chantre o Te-Deum q continuou a ser cantado e acompanhado de instrumental e escolhido dos melhores muzicos da villa, Braga e outros concelhos visinhos, findo foram SS.MM e Altezas acompanhados até ao coche, pelo Cabido e mais pessoas eclesiásticas e de distinção, como o Conde de Vila Pouca, Visconde de Azenha, Barão do Costeado, Barão de Almargem, Par do Reino Arrochela, Deputado Martins da Costa e muitos outros cavalheiros que tinham assistido ao Te-Deum.

Subiu S.M. ao coche e seguiu para casa de Vila Flor do Ex.mo Arrochela, a qual estava bem guarnecida e preparada para receber os Reais Hospedes, e com uma legenda q dizia:

"És mais Rainha e mais Soberana
Levantando o throno na choupana".

¹⁰⁷ V. nota 92, vol XII. Muitos destes acontecimentos já foram relatados noutros meus estudos.

¹⁰⁸ V. nota anterior. Nos diversos estudos biográficos sobre o Conde de Arrochela diz-se também ter sido Governador Civil em 1848; é possível que tivesse regressado por uns tempos.

¹⁰⁹ Foram padrinos (Lº de Ugezes nº 877, Arq. Mun. A. Pimenta, dados amavelmente fornecidos por D. Lucinda Simões): de D. Brites, B. a 12.7.1843, "o Conselheiro de S.M.F. e Comor da O. da Conceição de Vila Viçosa" João Baptista Felgueiras com Proc. ao Conego Cura José Joaquim de Abreu, Cav.º da O. da Conceição, e Nossa Senhora, por ela o Pe José Martins, Vigário desta freg.ª "que as baptizou". Da gemea D. Helena (que + em vida do Pai) Gaspar Leite de Azevedo e Araujo "assistente na vila dos Arcos com proc. ao Conego Cura José António de Freitas e Castro e Nossa Senhora do Carmo por ela o mesmo Conego Cura. De D. Mecia B. a 25.10.1845 (fls. 110 e vº) mas nascida em Leça da Palmeira, Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca, M.F.C.R. com exercício e "30º Senhor do Couto de Azevedo" por proc. ao Conego Cura José António e Castro, da Real Colegiada e D. Maria José Carneiro da Gram Magriço por proc. ao Baptisante; de D. Leonor B. a 3.8.1847 (fls. 118vº) José de Magalhães e Menezes Vilas Boas Sampayo de Barbosa, M.F. com exercício e m.er D. Ana Adelaide, Perfeito de Aragão com proc.s ao Pe Joaquim da Soledade Mendes e Roberto Vieira da Maia da Casa de Vila Flor; de Heitor, B. a 22.5.1849 (fls. 128) Rodrigo Lobo de Sousa Machado e D. Ana Adelaide Pinto da Cunha, de Provezende, com proc. a Gaspar Sarmento de Queiroz, Arceidiago de N. Sr.ª da Oliveira; De Lourenço, B. a 11.7.1851 (fls. 127vº) José Borges Pacheco Pereira, e sua m.er D. Maria Candida Falcão Cotta de Barbosa e Menezes, de Braga com proc.s ao Pe José de Lemos Pinto de Faria e D. Helena, irmã do baptisado, residentes em Vila Flor. Além destes filhos legítimos e da natural citada no testamento do Conde havia mais um, o Coronel Zeferino de Arrochela Maia, mencionado na manda de seu meio irmão Lourenço.

O Povo não cessou de vitoriar os Reais Viajantes até à entrada no Palácio, cujo o terreiro durante o tempo que S.S. M.M. ali se conservaram foi mais frequentado q huma romaria das mais concurridas.

À noite a iluminação foi brilhante e concurrida, e as janelas do Ex.mo: Conde de Vila Pouca e Arrochela fazião huma linda vista, bem como a Torre de S. Fran.co e oblisco do Tournal igualmente as muzicas tocarão continuamente".

Luminárias a tremeluzirem, depois de um dia estafante: recepção, cerimónias, contumélias, o sol a pôr-se, a lua a nascer: "na primeira noite forão por varias vezes diferentes muzicas com muito povo tocar à porta do palácio, e as 6 meninas q estavam na iluminação do terrº de S. Fran.cº cantarão os hymnos, e depois no fim das quadras q cantarão o imenso povo q estava correspondia com vivas às pessoas de S.S. M.M., Principe, Duque do Porto, enfim por todas as ruas q. o Marechal Saldanha andou sempre acompanhado de seus ajudantes e pode-se dizer nunca andou tanto povo, que veio à distancia de muitas léguas".

No meio da agitação e do borbórinho, adormece Vila Flor e seus régios convidados. A manhã do dia 6 é calma; pode o Príncipe Consorte, podem o Príncipe e o Infante, as Camareiras e Ajudantes passearem no jardim, deve a Rainha, tocada pelas suas aias descansar no refugio da sua Camara. À uma da tarde está Vila Flor em grande movimento, gente a entrar, gente a chegar, gente a cumprimentar-se com polidez, com efusão. Dão S.S. M.M. beija mão à Camara, ao Cabido, à Ordem Terceira Dominica, à nobreza "e a quem estivesse nas circunstâncias". Às trez horas e meia da tarde sahirão S.S. M.M. do palácio e se dirigirão no meio de entusiásticos vivas, repiques de sinos e fogo, que constantemente não tinha cessado desde a chegada de S.S. M.M.. Seguiu-se o cortejo das visitas: à Colegiada, a ver o tesouro ("o Largo da Oliveira tão cheio q dificultosamente S.M. a Rainha pôde subir ao Coche, fazendo-lhe aflorar ao rosto um sorriso de prazer q por tempo lhe durou, e ao povo hum motivo para ficar, como ficou encantado"), a S. Domingos e a S. Francisco.... esmoladas, apoios sorridentes aos doentes dos hospitais, continua D. Fernando, numa galopada, aos quartéis, ao Hospital Publico, à Igreja de Stª Margarida, ao Castelo.

Virão os Augustos Senhores admirar a magnifica iluminação na segunda noite? Não é possível. Às cinco da manhã, parte a Real Comitiva; deixa saudades, leva entre outras ofertas, sete cabrinhas vivas, lindas e bravas, presente dos povos do Gerêz. Rumam a Stº Tirso¹¹⁰.

O entusiasmo popular, o bom acolhimento é recompensado: Guimarães elevado a cidade por decreto de 19 de Fevereiro e Carta de 22.6.1853 e Nicolau d'Arrochela a Conde de Arrochela por decreto de 19.11.1852 e Carta de 19.1.1853. Depois de tanta gala, uma triste noticia, os crepes a envolverem as Armas da Casa, a 15.12.1854, Deus chama a Si, a Ex.ma Senhora Dona Virginia Thatcher, Condessa de Arrochela, a desamparar os cinco orfãosinhos, pobres meninos, dos três aos onze anos de idade, num palácio tão bonito, tão pequenos e já sem Mãe.

Vila Flor sem a Senhora Condessa, doce imagem pintada por Roquemont¹¹¹, deve ter entristecido, silenciosa na sua dor, longe do bulício das festas. A vida volta aos poucos. O país também parece acordar. Os difíceis caminhos a dificultarem as comunicações melhoram. Nascem novas estradas, rasgam-se outras perspectivas. O Conde de Arrochela, acompanhado por Manuel Magalhães de Araujo Pimentel, desce a escadaria do Governo Civil de Braga a 10.9.1861. Vêm satisfeitos. Arremataram em sociedade a construção da estrada de Guimarães a Fafe por 79.500\$000 reis. Deposita o Conde inscrições nominais no valor de 8.990\$000 reis. No ano seguinte lançam-se noutra: a 26.6.1862, como empreiteiros da estrada Braga Guimarães, "contratam com Manuel da Costa Guimarães, da cidade do Porto, dar-lhe

¹¹⁰ Livro citado na nota 101, p.s 113 a 119; noticias tiradas do "Periódico dos Pobres do Porto" de 18.5.1852 e dos m.s de João Lopes de Faria.

¹¹¹ Este quadro figurou na "Exposição de Archeologia de Objectos Raros Naturaes, Artísticos e Industriaes" realizada no Palácio de Cristal do Porto em 1867; encontra-se hoje na casa de Castelo de Paiva, deixada pelo 3º Conde e pessoas estranhas à familia. O Conde expoz também um auto retrato do ilustre pintor e paisagens alentejanas do mesmo, in Alberto Vieira Braga "Curiosidades de Guimarães", - XV Guimarães nas Exposições Nacionais e Internacionais, 1953, p. 56. Sobre Roquemont v. o meu "Casa do Arco" (n 81), p. 1044. foi a ele que Arrochela encomendou o retrato do Conselheiro Felgueiras existente na S.M.S.

de entrada o 1º lanço entre as estacas 0 e 243, na extensão de 4.741 metros, a contar da saída de Braga por 2.093\$960 reis, o qual fez depósito de 684\$700 reis”.

A 12.9.1864 discute-se por onde finalizar a estrada a vir de Braga. A Comissão, da qual fazem parte o Conde de Arrochela, Henrique Cardoso de Macedo e seu filho Luís futuro Conde de Margaride, Bernardino de Araújo e Abreu, José de Castro Sampaio e o Padre António Ferreira Caldas, querem ver a entrada por Santa Luzia, e não “pela variante da Praça do Mercado a Caneiros”¹¹². Outros terão diferentes preferências. As salas de Vila Flor ou Cavalinho enchem-se de traçados, de projectos, as diligências a cruzarem as novas estradas para Braga, para Fafe, para a Povoia de Varzim.

Conde de Arrochela, Senhor de Vila Flor. Herdando a Casa, cuidou-a e deu-lhe prestígio. Interessou-se pela política, viveu-a. Mereceu distinções e condecorações: Comendador de número extraordinário de Carlos III de Espanha, até que a 10.1.1867:

“Nicolau d’Arrochela Vieira Malheiro de Almeida Sodrê de Moraes Pimentel, Conde d’Arrochela, Par do Reino, morador na sua Quinta de Vila Flor em Guimarães e de presente nesta villa de Leça da Palmeira, a uzo de banhos, determino fazer o meu testamento:

Fazendo os meus protestos religiosos de querer viver e morrer na religião do Estado em que meus Pais me educaram, sou viuvo de Dona Virginia Thatcher, Condessa d’Arrochela, de cujo matrimónio ficaram vivos cinco filhos: Dona Brites, Dona Mecia, Dona Leonor, Heitor e Lourenço, todos herdeiros nas duas partes da herança. Nomeio a minha terça em minha filha Dona Leonor, casando ela com o Senhor Bartholomeu Achilles Dejante, Engenheiro Civil e na qual eu nomeio a minha quinta de Vila Flor e os outros meus prazos, ficando o meu terço obrigado ao cumprimento dos legados e disposições abaixo”.

Dá-nos depois uma novidade:

“Tenho uma filha natural que houve em estado de solteiro e de mulher também solteira, mas de inferior condição, como tal a reconheço, chama-se Dona Emilia, actualmente no Convento de S. Bento, do Porto, não pode herdar com meus filhos legítimos, atenta à minha condição em que nasci e aquela da indicada sua Mãe, quero e he minha vontade que ela herde a minha nobreza como filha natural a lei permite e quero também beneficiá-la pela porção da minha terça e prazos antigos do seguinte modo: Deixo-lhe enquanto viva e solteira todos os anos 400\$000 (mil reis) metal. Se casar acaba este legado e recebe por uma só vez 6 contos de reis metal. Se pretender mais alguma coisa nada lhe deixo. Deixo também pela minha terça a cada uma das minhas criadas de dentro de casa 18\$999 e às de fora 9\$000”.

O grosso da herança:

“Sou Senhor e Possuidor tanto nesta como em Traz os Montes e nas Beiras, de diversos bens de raiz, tanto de natureza de prazos foreiros em vidas, outros fathozins, cenrarios e alodiaes e algumas joias humas herdadas de meu Pai e maiores, outras compradas por mim. Deixo tudo a minha filha Dona Leonor que tem obrigação de entregar a cada hum dos seus quatro irmãos 12 contos de reis metal. Se ela não aceitar será sua irmã Dona Mecia, se essa não aceitar que se vendam os prazos e o dinheiro repartido por todos os filhos, sem prejuizo do dote da filha natural”.

Quanto ao Pio e disposições:

“O meu enterro sera feito conforme o uzo e qualidade da minha pessoa e Officio Geral de 500 reis, Missas Gerais da

¹¹² Nota 82, vol XII, nº 9/10, vol XIII nº 7/8 e vol XV nº 11/12.

mesma esmola na Igreja que for depositado á escolha de meus herdeiros. Quero ser enterrado no Jazigo de Família que vou mandar erigir no cemitério da villa de Fafe, para o qual hão de ser tresladados os restos de minha Mulher. Se o Jazigo não estiver concluido à minha morte, serei depositado em outro provisóriamente que consigão meus herdeiros. Quero e mando dizer 600 Missas: 200 pela minha Alma, cem pela minha Esposa, 200 pelos meus Pais, 50 por meu tio Lourenço e 50 por meus irmãos”.

As ultimas recomendações:

“Da minha terça sahirão a sorte da minha nomeação e encabeçamento dos meus bens, do modo que fica declarado. Se nenhum aceitar será dividido por todos os filhos igualmente, excluindo a filha natural.

Encarrego a tutela daqueles meus filhos que forem menores ao Illustrissimo Senhor Bartholomeu Achilles Dejante, isto no caso de se achar casado com minha filha Dona Leonor ou com aquela em que se verificar a nomeação e encabeçamento dos meus bens de raiz, e se este acontecimento ainda no se tiver dado, nomeio para tutor o meu respeitavel Amigo Senhor Carlos da Cunha Berrance, de Guimaraes”.

Redigiu-o e a 14.1.1867 aparece “de perfeita saúde” para o aprovar na rua Velha, na freguesia de Matosinhos em casa do Tabelião Tristão António Correia da Silva “Tabelião Proprietário neste Concelho de Bouças”. Acompanham-o o Presbitero Manuel Alves Diniz, residente a Banhos de Mar na villa de Leça da Palmeira, António de Almeida Loureiro “procurador do testador”, morador na freguesia de Castelo de Paiva, João Maria Freire de Andrade “de presente morador na mesma rua e freguesia”, António José da Silva, ensablador e Agostinho Alves Ferreira, marítimo, morador na rua do Juncal.

Aberto a 26.10.1867, “por morte do Conde, actualmente a vanhos do mar. Morador em Leça da Palmeira, rua do Espirito Santo” é apresentado pelo “Ill.mo Senhor João Borges Pacheco Pereira da cidade de Braga,” a trazer como testemunhas “o Ill.mo João Monteiro de Sousa Carvalho, do Porto, actualmente a vanhos nesta freguesia, João Diogo de Barros, natural de Lisboa e actualmente assistente no Porto”¹¹³.

E agora? A filha mais velha, Dona Brites de Arrochela Vieira de Almeida Sodrê Leborão de Moraes e Castro Pimentel, casara no mês anterior com Martinho José Pinto de Menezes e Sousa Melo de Almeida Correia de Miranda Montenegro Pamplona de Vasconcelos Pereira de Bulhões, 1º Conde de Castelo de Paiva¹¹⁴; a segunda Dona Mecia de Arrochela de Almeida Vieira Sodrê, casará dois anos depois (1869) com o Fidalgo do Tournal João António Vaz Vieira da Silva Mello Alvim Pinto Napoles Teles de Menezes Madeira e Freitas, a musica a fasciná-lo, os acordes a levarem-no, a sua excelsa batuta de prata incansavel na regência, os escolhos da vida a fazerem cair na sua descendência a representação da Casa¹¹⁵.

¹¹³ Livro dos Testamentos Cerrados nº Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. Cópia de alguns fragmentos.

¹¹⁴ Foi primogénita dos 1.os Condes (título de 20.6.1886 - El Rei D. Luís) D. Brites José de Arrochela Vieira de Almeida Sodrê Pinto de Miranda Montenegro, 2ª Condessa de Castelo de Paiva, (Autorização de El—Rei D. Manuel II) c.c. Manuel Maria de Lancastre Ferrão de Castelo - Branco, 2º Conde de Arrochela em sua vida (decreto de 10.10.1905 e Alv. do Conselho de Nobreza de 20.1.1948) e só tiveram 1 filho: José Martinho d’Arrochela Pinto de Lancastre Ferrão, 3º Conde de Castelo de Paiva e 3º Conde de Arrochela. S.G.V. “Anuário da Nobreza de Portugal”, III, Tomo I, 1985, p.s 326-27. Como as outras filhas dos 1.os Condes não tiveram geração a representação da Casa e titulo passou para a descendência da 2ª filha do 1º Conde de Arrochela, D. Mecia.

¹¹⁵ Sobre este ramo onde caiu a representação da Casa e titulo V. o meu folheto citado na nota 90.

Senhora de Vila Flor, por herança do Pai, merecia a terceira filha, Dona Leonor de Arrochela, umas linhas, menos esbatidas, mais detalhadas. Tem 21 anos. Destinada por capricho do Pai a casar com o Engenheiro Bartolomeu Aquiles Dejante, prestam-se o decorrer de seus dias a muitas conjecturas, a muito divagar: Opóz-se ao matrimónio? Foi-se o Engenheiro? Chorou? Teve conflitos com as manas? Só duas certezas: a 1.3.1875, sai da Igreja apoz o seu casamento, pelo braço do marido, o Dr. Arnaldo Ribeiro de Faria, bacharel em direito, Moço-Fidalgo da Casa Real¹¹⁶, e a 23.4.1876, pouco depois de um ano de casada, está rígida, morta, entre a dor dos seus, sem geração e como herdeiro seu irmão, o jovem Morgado, Heitor de Arrochela.

O fausto da Casa cai devagar. Tanto Heitor como seu irmão Lourenço; morrem solteiros¹¹⁷. O Palácio de Vila Flor ou Cavalinho sai desta família em 1882; vende-o Heitor de Arrochela por 39.500\$000 reis¹¹⁸.

V

Ao comprar Vila Flor, o Engenheiro António de Moura Soares Veloso, a quem, indubitavelmente, se ficou a dever a construção do Caminho de Ferro da Trofa a Guimarães, apesar de todas as contrariedades, que a sua boa vontade e dedicação tiveram de vencer¹¹⁹, pensa como associar os seus projectos à linda Casa, seus jardins e mata.

Nascido no Porto a 14.02.1836¹²⁰, filho do Doutor Pedro António Soares Veloso, Lente da Escola Médico - Cirúrgica do Porto, devotado miguelista¹²¹ e de sua mulher Dona Joaquina de Moura. Tem a infância ensombrada pelas recordações dos seus duma guerra perdida, a juventude interessada nas transformações: dos poeirentos caminhos desaparecem aos poucos as diligências puxadas por fortes cavalgaduras, chicotes a ziguezaguearem, sons de alegre guizalhada. Algumas terras são já cruzadas pelo trepidar dos comboios: os silvos cortam os ares, os atarefados passageiros desembocam às centenas das estações. Forma-se em Engenharia; casa a 17.2.1873 com Dona Sofia

¹¹⁶ D. Leonor de Arrochela, Senhora de Vila Flor por herança do Pai (era a preferida?), como se lê acima + nova, sem descendência, deixando herdeiro seu irmão Heitor. Seu marido, o Dr. Arnaldo Ribeiro de Faria, bacharel em direito, F.C.R., era viúvo de D. Leopoldina Aldonça Pereira Leitão e filho de Francisco Ribeiro de Faria, F.C.R., Cav. de Cristo, etc e de sua m.er D. Rosa Margarida de Barros Lima. V. "Anuário da Nobreza de Portugal" III, Tomo IV, 2006, p. 1405-Ribeiro de Faria, dos Viscondes de Barros Lima.

¹¹⁷ Heitor de Arrochela, o morgado, teve um filho perfilhado com o mesmo nome que o Pai, in José de Sousa Machado "Últimas Gerações de Entre Douro e Minho, Ed. do Autor, 1931, Costado 68. Lourenço de Arrochela + em Guimarães no Hotel de Guimarães a 5.5. 1888 com um tifo, tinha 37 anos e deixou herdeiro seu meio irmão o Coronel Zeferino de Arrochela Maia in "Religião e Pátria", jornal vimaranense da mesma data.

¹¹⁸ In Pinho Leal, nota 54. no notário do Porto Dr. Corado de Campos a 16.7.1882

¹¹⁹ Frase do artigo de Manuel Alves de Oliveira "Lá vem o comboio novo", separata do "Boletim de Trabalhos Históricos", vol. XXXIM 1980, inclui a gravura duma das salas de Vila Flor durante a exposição.

¹²⁰ Data conseguida graças a amabilidade dos Exmo. Senhores António Carlos de Azeredo Pinto e Leme e Carlos de Sousa.

¹²¹ Dados biográficos sobre o Pai do Eng.º Soares Veloso - Veloso Pedro António Soares -) Bacharel em Medicina pela U. de Coimbra. Foi nomeado em 1822 lente substituto da cadeira de Filosofia Racional e Moral da Academia Real da Marinha e Comercio do Porto, competindo-lhe compulsivamente a obrigação de reger também a cadeira da Agricultura no Impedimento do seu proprietário, que era ao tempo o Dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto. Pela C.R. de 21 - VII - 1829 O Governo de D. Miguel suprimiu a cadeira da Agricultura, continuando porem Veloso com o lugar de substituto acima referido. Como fervoroso partidário do miguelismo, ausentou-se do Porto, à entrada do chamado Exército Libertador, a 9-VIII-1832 pelo que foi considerado vago o seu lugar e preenchido por outro professor "In Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira", vol 34.

Cardoso, a filha mais nova dos 1.ºs Viscondes de Godim, nas veias o sangue de heróis das campanhas liberais, negociantes de grosso trato a surgirem na restante árvore genealógica¹²².

O Engenheiro António de Moura Soares Veloso é dos que, como Eduardo Moser se espantam "que houvessem entre nós pessoas aliás inteligentes, sinceras e instruídas, combater na Associação Comercial do Porto o projecto duma linha férrea, que nos comunicasse e ligasse com as mais importantes terras da província do Minho, e com a margem direita do formoso rio que lhe deu o nome.

Ainda há pouco não era o parecer de muitos que as vias férreas eram artigo de luxo para comodidade dos ricos? Não presenciamos que pelo contrário não são os pobres a quem elas mais aproveitam?". Com todos esses lutara; abafara o clamor levantado "pelos alquiladores, cabotageiros e outras classes que se achavam feridas nos seus interesses"¹²³. Vencera.

Anos depois (1881), Vila Flor ou Cavalinho, como queiram chamar entronca os seus dias na azáfama das vias férreas; o seu proprietário está de há muito ligado à enredosa história da "Companhia de Caminhos de Ferro de Guimarães". Recordemo-la pela escrita de Manuel Alves de Oliveira. Tente-se agarrar uma ou outra faúlha no longo enredo por ele estudado¹²⁴.

Era sabido: pelas palavras do Barão de Pombeiro (1866), de Alves Carneiro, então Presidente da Câmara (1871), de muita gente ilustre, era notório: a cidade suspirava pelo caminho de ferro. Guimarães já vira Simão Gattai (o do railroad a ombrear a estrada), concessionário absoluto, transferir os seus poderes para Inglaterra, para a "Minho District Railway Company". E recebera a alegre notícia: a 24.11.1874, os ingleses tinham ido a Santo Tirso estudar as possibilidades duma linha entre Bougado e Guimarães. Sorriu Soares Veloso, sorriram outros, sorrisos de esperança logo apagados. Pararam os trabalhos; recomeçaram em 1877.

Braga já tinha, Viana e Póvoa também. E Guimarães? Asfixiada pela morosidade dos seus transportes, aguardava. O tempo deslizara. Pasma. Desinteresse, inércia. A falência espreitava a "Minho District". A 16.5.1876, reuniram-se aflitos, os accionistas: transferiram a sede de Londres para o Porto. Foi uma tentativa estéril, a falência não tardou. Em Dezembro em cena entraram Soares Veloso e outros senhores, resolveram a arcar com as responsabilidades da construção da projectada linha para Guimarães. Esperaram. Um ano depois chegou-lhes a boa nova, o Governo dava a concessão "a quem tivesse mais condições".

¹²² Nascida a 17.2.1852, D. Sofia era f.ª de António Cardoso e Silva, 1.º Visconde de Godim em sua vida, Fid. Cav.º da C.R., Com.or da O. de Cristo, Medalha das Campanhas da Liberdade, (algarismo 2), Alferes do extinto Batalhão provisório do Bairro de St.º Ovidio durante o cerco da cidade do Porto (1832 -33), Verificador da Alfandega do Porto, proprietário no Porto, e de sua m.er D. Francisca de Lima; neta pat. de Pedro Cardoso e Silva, Com.or da O. de Cristo, Cav.º da O. de N. Sr.ª da Conceição de Vila Viçosa, Cruz das Campanhas da Guerra Peninsular com a distinção no braço direito por ter feito parte do exercito nas operações de 1808, F.S.O., Brigadeiro reformado de Infantaria, preparou a revolução de 1820. Emigrou em 1828. E em 1832 desembarcou no Mindelo, entrou na Batalha de Ponte Ferreira, Cruz das Campanhas da Guerra Peninsular, Governador Militar da Ilha Graciosa, e de sua m.er D. Maria José Mariana Verney e mat. de Manuel José Pereira de Lima, negociante de grosso trato no Porto e em Pernambuco e de sua m.er D. Joaquina da Piedade; bisneta na varonia de Manuel Luís Cardoso, Capitão de Ordenanças, proprietário do navio "Pastagem" (freg. de Lamego donde a família era originária), in Albano da Silveira Pinto "Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal" (nota 89), vol I - Viscondes de Gondim.

¹²³ Eduardo Moser "Breves Observações sobre a projectada via ferrea de Bougado a Guimarães", 1883 e edição de "A Muralha", 1998 (facsimile).

¹²⁴ v. nota 119.

Condições a não faltarem a António de Moura Soares Veloso e ao Visconde de Erminda, "Foi-lhes concedida a construção do caminho de ferro de Bougado a Guimarães por Santo Tirso e Vizela, com expressas cláusulas de se constituírem em Sociedade anónimas submetendo os seus estatutos à aprovação do Governo; de aprovarem perante o Governo no prazo de seis meses, contados da data do decreto a aquisição dos seis quilómetros de via-férrea já construída entre Bougado e Santo Tirso, ficando pelo facto desta aquisição obrigada a responder, como for de direito nos termos das leis portuguesas e nos tribunais competentes por todas as reclamações que se referirem a actos praticados pela anterior companhia..." Da Câmara conseguiram a isenção dos direitos alfandegários sobre os materiais necessários para o custoso trabalho a iniciar.

Fixaram-se na falência da "Minho District". Fora à Praça a 15.10.1879. Posta a lanços, sem resultados, é só à terceira vez, a 17.4.1880, que tudo arrematam por 31.500\$00 reis.

"CCF Guimarães 1881-1928

Constituída por decreto de 18 de Agosto de 1880 recebe a concessão feita pelo Governo por decreto de 16 de Abril de 1879 a António Soares Veloso e ao Visconde de Erminda da construção e exploração da linha de Guimarães¹²⁵.

Deitaram mão à obra.

Depois, abriram-se propostas para os pilares e cantaria, com urgência, para todo o preciso para a indispensável ponte sobre o Ave: a Paris encomendaram-se as partes metálicas. Arrebentaram-se pedreiras, colocaram-se trilhos, António Veloso não mais parou.

Por fim 1881. Vila Flor une-se à saga dos comboios, com estrondo, com dor. Desbasta-se a mata do Cavalinho, derrubam-se árvores, assustam-se coelhos e pássaros para passar a linha. O primeiro golpe: António Soares Veloso vende à Companhia um terreno da mata por 19 contos, ergue-se um barracão, a futura estação¹²⁶, o comboio a não tardar.

Mas ainda há revezes. A 3.4.1881, afirmara o Ministro Hintze Ribeiro: "Constando oficialmente ao Governo que o Engenheiro inglês John Dixon propoz uma acção judicial contra a Companhia de Caminhos de Ferro de Guimarães para pagamento das contas ou somas de que se considerava credor por virtude de contratos feitos com a antiga companhia "Minho District Railway Company Limited". Provoca embaraços: responsáveis são os actuais concessionários pelas queixas contra a antiga companhia. Agita-se a Câmara dos deputados: cruzam-se vozes, dali e daqui faíscam hipóteses sobre novas linhas. E as reclamações, os protestos pelas estradas cortadas, pelas terras expropriadas? A 8.3.1882, ergue-se o povilú de S. Miguel das Caldas contra as expropriações à família Santiago de Carvalho e os trabalhos da abertura das trincheiras para assentamento da via no que tem de intervir a Câmara trocando correspondência sobre o assunto com a Companhia. Tudo sanou em Abril seguinte, compromisso espontaneamente negociado por Soares Veloso"¹²⁷. Melhor correr a expropriação das

¹²⁵ Para quem tem Internet: <http://www.cp.pt/cp/> E mais adiante pode-se ler: "Na linha de Guimarães, o troço Trofa-Vizela, tem a largura de 1 m. foi inaugurado a 31 de Dezembro de 1883".

¹²⁶ In Pinho Leal (nota 54).

¹²⁷ Helder Rocha "Efemérides-Vimaranenses-Agenda", vol I, Ed. "O Povo de Guimarães, 1996,

quintas de Covas de Baixo e de Cima na freguesia de Santo Estêvão de Urgezes: receberam os seus donos seis contos e cinquenta mil reis de indemnização pelos onze mil e trezentos e cinquenta metros quadrados arrancados¹²⁸. Novos estatutos? Apresenta-os o Engenheiro Veloso e o Visconde de Erminda a 18.7.1882, no Porto escritório do Tabelião Emílio Alberto da Rocha Andrade: são aprovados a 18 de Agosto.

Passará o comboio sobre a ponte metálica? Passa. Soares Veloso, satisfeito, prestes a alcançar as suas aspirações, apoia-se em personalidades de Guimarães para obter sem demora a vistoria da linha. É vistoriada a 17.7.1883. Está sã e pronta. E a Licença? Já devia ter vindo, Enclausurada em Lisboa, devido a pressões e interesses variados, nunca mais vem.

Levanta-se o Conde de Margaride, acérrimo defensor da sua terra. Em vilegeatura nas Caldas das Taipas, a 23.7.1883 escreve a Fontes Pereira de Melo, Presidente do Conselho de Ministros. Mostra-lhe o péssimo efeito provocado pela oposição do Governo à abertura do Caminho de Ferro de Guimarães ressalta o "escandaloso praticado pelos ingleses", a opressão e conclue com esta verdade: "à sombra da bandeira inglesa também especulam portugueses".

Abatem-se as dificuldades. A 31.12.1883 entra festivamente em Vizela a primeira máquina, circulam em experiência algumas locomotivas. Vila Flor abre as suas portas: oferece o seu senhor um lauto almoço à Comissão Inspectora: Tudo corre bem.

4 de Abril de 1884. Cá vem o comboio.

"Cá vem o comboio! Lá vem o comboio! Foi o grito o brado que estalou em todos os corações. Os pais punham os filhos aos ombros, os mais pequenos furavam e as bocas abriam-se pasmadas ao verem a máquina, pesada, ofegante, barulhenta ao puxar as vistosas carruagens. Passavam entre alas de povo, aos vivas, no meio do estalejar de foguetes.

A estação, então um barracão de madeira, brilhava toda engalanada com bandeiras, palmas e murta. Um dez mil pessoas aguardavam ansiosas: ao longo da linha, na esplanada, nas matas de Vila Flor, por entre o mato em cima das árvores.

Eram 10 h e 50 m da manhã, quando o comboio, a apitar com força, entrou na cidade! Todos acenavam com lenços brancos, subiam ao ar os foguetes e 4 bandas começavam festivamente a tocar. A máquina parou fumegante.

Avançam as autoridades de casaca e chapéu alto. Sorridentes descem do vagão os convidados, nos olhos ainda o encanto da paisagem: verdes campos, riachos a saltarem entre as pedras, na fala os comentários sobre as obras de engenharia vistas no percurso: os muros de Mide, da levada Grande, da Ponta dos Engenheiros de Linho, da Ponta de Caniços, das Azenhas dos Infernos, da Ponte Velha e Trincheira Nova. Os cumprimentos, os vivas, as aclamações.

¹²⁸ Ver o meu Raízes Vimaranenses de Alberto Sampaio Separata das "Actas do Congresso Histórico Comemorativo dos 150 anos do Nascimento de Alberto Sampaio", p. 45.

Dirigem-se os mais grados para o Palácio de Vila Flor, propriedade de Soares Veloso, o promotor do Caminho de Ferro de Guimarães. Rompem a custo entre a multidão. Ao Almoço, oferecido por Soares Veloso estão 40 convidados. Levantam-se vários brindes: a Guimarães, ao Porto, à Presidência da Câmara de Santo Tirso, aos chefes de serviço da Linha de Guimarães, à imprensa portuense e vimezanense, aos deputados, etc. Todos alçam o seu copo pela prosperidade da nova linha. Às 2 e 30 da tarde erguem-se da mesa.

Guimarães triunfara. Na cidade continuava a animação. Tudo subia pela mata de Vila Flor e Cavalinho para admirar o comboio, as suas carruagens forradas a veludo, os fechos de segurança das portinholas, a elegância das fardas dos empregados. Na cidade um mundo de côr: casas particulares e edifícios públicos rivalizavam, vistosamente embandeirados.

*À noite correspondendo ao convite da Comissão...*¹²⁹.

A festa reinou num tremeluzir de luzes, num estrondo de bandas, num contínuo passar de gentes. Guimarães a vibrar com a inauguração da linha férrea. Vai descansar o Engenheiro António Soares Veloso? Não deve estar no seu feitio ao saber que a Sociedade Martins Sarmento planeja uma grandiosa exposição industrial, oferece a sua casa para a realização. E mais: um grande abatimento nos bilhetes das mercadorias a virem no caminho de ferro para a exposição.

Faz-se a Exposição¹³⁰, luminosa ideia de Domingos Leite de Castro, regida sob a direcção de Alberto Sampaio, amparada, auxiliada por distintos cavalheiros. Abre a 15 de Julho, dois meses depois da chegada do comboio.

Pasme-se com Vila Flor. Nas salas, vistosamente decoradas, exhibe-se com requinte, com garbo toda a indústria vimezanense. A multidão entra, a multidão sai, varada, embasbacada, com o que vê, como se mostra. Entre as plantas, as ornamentações, todas as indústrias: têxteis, couros, olaria, bordados, doçaria, tintos, cutelaria, pentes e seus derivados. Muitos artesãos e artistas: alfaiates, carpinteiros, chapeleiros, funileiros, latoeiros, serralheiros. Ali, a panificação, acolá as carruagens, ali os sabões e velas. Larguemos todo esse bulício, as salas de Vila Flor a regurgitarem, a animação dum feliz certame. Com calma, com sossego, folheie-se a imprensa da época.

... É quase impossível fixar aqui os nomes de uns vinte e tantos cavalheiros (pertencentes às diferentes comissões) que tiveram as mais subgulares atenções para com os hóspedes... O movimento da Exposição atingiu da 1 às 3 horas o ponto culminante; era difícil o trânsito nas salas; nos jardins que são vastos, cortados por largas escadarias, encheram-se também; encheu-se o anexo e o grande pateo da entrada e só ao cair da tarde, quando o ultimo comboio levou a maior onda dos visitantes para Vizela e para o Porto, é que foi possível continuar o exame dos objectos com mais algum cuidado.

O palácio de Vila Flor, hoje do Sr. Soares Veloso, digno gerente da Companhia dos Caminhos de Ferro de Guimarães, é um antigo solar, que foi dos Condes de Arrochela; a construção que pertence aos princípios do século XVIII, tem dois

¹²⁹ V. o meu "Cá está o Comboio", in "Linha de Guimarães - 1884 Trofa a Guimarães - 1906 Guimarães Fafe", panfleto editado pela "Muralha", Associação de Guimarães para a Defesa do Património, 1994.

¹³⁰ Drs Alberto Sampaio e Joaquim José de Meyra "Relatório da Exposição Industrial", Porto, Typ. De António José da Silva Teixeira, 1884 e Manuel Alves de Oliveira "A Exposição Industrial de 1884 e suas repercussões", separata do "Boletim de Trabalhos Históricos", vol XXXV, 1984.

andares, mas está em meio, parou no pavilhão central, com aspecto vistoso ainda assim. Colocado numa posição elevada, o palácio domina extensos jardins, talhados à Le Notre, que sobem em socalcos, ladeados por extensas terras lavradas, está aí o útil ao agradável, a agricultura bem tratada e uma flora opulenta...

A vista abrange um largo horizonte, do lado do jardim um panorama dos mais formosos de Guimarães, do lado oposto, em posição ainda mais elevado do que o palacete, o do caminho de ferro, avançando entre uma formidável trincheira. Água por toda a parte, saltitando em caprichosos repuxos ou espriando-se em taças de granito cobertas de musgo aveludado...¹³¹.

Outro periódico¹³² descreve as salas e dá a noticia: o preço da entrada foi fixado em 100 reis para o primeiro dia e para dias de música nos jardins, e 50 reis nos outros dias. Sala a sala, montra a montra, toda a imprensa tece loas aos organizadores e aos expositores. O sucesso é enorme a gerar outras iniciativas¹³³. António Soares Veloso a receber, como outros, a homenagem dum artístico broche ou medalhão¹³⁴.

Olhe-se para Vila Flor nessa época:

"O palácio, posto que ainda incompleto, é dos melhores de Guimarães. Ocupa um planalto muito vistoso e pitoresco e segundo reza a tradição foi fundado por um Vice-Rei da Índia, deportado para aqui, mas o meu ilustrado João Gomes d' Oliveira Guimarães. Reitor de S. Vicente de Mascotelos, diz que viu um in-folio manuscrito que foi de Tadeu Luís António Lopes de Carvalho, casa e manuscrito hoje do Dr. Mota Prego e no dito in-folio se lê que o fundador do palácio em questão, foi como já dissemos o dito Tadeu Luís.

*Tem este palácio (hoje) as armas dos Arrochelas (Vieiras) em substituição das de Tadeu Luís (Carvalhos) que ainda hoje se vem quebradas e dispersas pelos recantos do jardim. Projectavam-se então duas avenidas, com 23 e 39 metros de largura, da estação de Vila Flor, ao centro da cidade - uma em direcção ao Campo da Feira, Outra em direcção ao Toural"*¹³⁵.

Em 1887, Cavalinho ou Vila Flor, já retalhado nos seus terrenos, recebe mais cortes, vai chegar-lhe o desassossego a peoirada das obras: a 12 de Fevereiro, a Associação Comercial pede ao Governo a construção da estrada a ligar a estação à cidade¹³⁶. Deixam-se agora as inaugurações, as exposições, os cortes na mata, aproveitam-se umas horas felizes no dia a dia dos então senhores do Cavalinho.

¹³¹ No fac-símile do "Relatório" citado na nota anterior, editado pela "Muralha" em Nov. de 1991, transcrevem-se trechos de vários jornais da ocasião. Este é copiado no n.º 139 de "O Comercio do Porto", nas páginas 132-33 do dito volume.

¹³² Vêm também transcrições de: "Comercio Português", "Primeiro de Janeiro", "Folha Nova", "Jornal de Santo Tirso", "Folha da Tarde", "Imparcial de Coimbra", "Vida Moderna", "Ilustração Portuguesa", "Ilustração Universal" e "Jornal do Comercio de Lisboa".

¹³³ Uma das consequências foi a Escola Industrial.

¹³⁴ "...do sr. António Alberto da Rocha alem de outros artigos, um broche de folha de pérolas gravadas com cacho de groselhas e alfinetes de homenagem aos dr. Francisco Sarmento, dr. Alberto Sampaio, dr. Joaquim de Vascelos e Veloso. E uma cabaninha para um broche" na p. 232 do fac-símile citado na nota 139.

¹³⁵ In Pinho Leal, nota 126.

¹³⁶ Francisco Martins "O Labor da Grei", edição comemorativa da Exposição Industrial e Agrícola Concelhia realizada em Agosto de 1923, org. por - .

Há música, pares a rodopiarem 29.12.1888: baile na Casa do Carmo, a dos Condes de Margaride.

- "Vossa Excelência dá-me a honra da próxima valsa?"

Uma rápida olhadela ao "carnet", um tímido "com todo o prazer", muito sussurrado.

Lindos vestidos roçam o chão; deslumbram complicados penteados. Graça, leveza, finura encantam os salões. Farfalhudas sedas, vaporosas rendas, tremelicantes brincos e outras jóias. Pesados, compostos cavalheiros acompanham as senhoras, as lânguidas meninas. "Muito admirada pela elegância e esplendor da sua Toilete a simpática esposa do senhor Veloso digno e ilustrado director do Caminho de ferro de Guimarães"¹³⁷. Os acordos do piano de cauda enchem os salões, a orquestra do senhor Padre Eugénio¹³⁸ toca até de manhã, num crescendo, ora num murmúrio: galopes, valsas, mazurkas, dança-se. Os sons esvoaçam, voltejam, giram. A vida é bela.

Á vida é bela? É bela. De 29.11.1891, mais um lindo quadro duas alas de gentis senhoras ladeiam a escadaria da Casa do Carmo. Nervosas, aguardam a chegada dos Reis.

"Eles aí vêem! Chegam suas Magestades!"

Silêncio. Entram Suas Magestades: El-Rei D. Carlos e a Rainha Dona Amélia. Dona Sofia Cardoso e Silva Veloso e as outras damas curvam-se em profunda e bem ensaiada vénia¹³⁹. Os Reis passam. A vida bela.

Nesse ano ainda, em Maio, Vila Flor tem mais um corte: principiam os trabalhos da futura avenida D. Afonso Henriques¹⁴⁰. Incomodam os donos da Casa? Em 1896 vivem no Porto. Tem residência na Rua de Cedofeita, nº 434¹⁴¹.

¹³⁷ "29.12.1888 No palacete do Ex.mo Conde de Margaride teve lugar na noite de 26 do corrente um faustoso baile que principiou às 9 da noite e terminou às 6 da manhã. Os amplos e majestosos salões daquela casa nobre onde já por duas vezes se hospedaram com não excedida magnificência os Reis de Portugal, na noite de quarta feira passada regorgitavam de damas e cavalheiros representantes do que há de mais distinto em todas as classes sociais, não só desta cidade, mas de Lamego, Porto e outras terras circunvisinhas. Uma orquestra composta de artistas dos mais distintos incluindo o director das bandas e sob a regência do nosso querido amigo e antigo discípulo padre Eugénio, uma vocação já muito laureada na bela arte da música, acompanhava com harmoniosos trechos, as contradanças, as mazurkas, as valsas e o cotillon que terminou às seis da manhã, quase à luz do dia. Depois que se abriu a ultima das quatro grandes salas que ocupam toda a frente do palacete e que se ligam entre si por largas e arqueadas portas, o baile tomou um aspecto verdadeiramente deslumbrante. Na última sala serviu-se uma esplêndida ceia onde a riqueza da baixela pleiteava a competência com o mimo. O primor e o aceio das iguarias lembrava um banquete apoz uma festa na cidade Augusta. As damas trajavam ricas e vistosas galas delas destacavam-se pela nobre distinção a Ex.ma Condessa de Margaride, rainha sempre pela nobreza do porte, pela elegância e riqueza do traje e pela afectiva complacência com que sabe receber e acolher e tratar todos os convivas e ao par dela as ex. mas Condessas de Vila Pouca, de Santa Luzia, de Lindoso, Baronesa de Pombeiro, viscondessas de Guedes Teixeira, de Roriz e de Pesqueira, D. Teresa Freire, as elegantes filhas do Desembargador Adriano Sampaio, D. Maria Castro Leite. Foi Também muito notada e admirada pela elegância e esplendor da toilette a simpática esposa do sr. Veloso, digno e ilustrado director da Companhia de Caminhos de Ferro de Guimarães. Na turma imensa das damas juvenis, que giravam encantadoras no torbelinho do baile — os da guarda velha, os convivas que faziam parada aquela festa verdadeiramente real, apontavam com olhos cobiçosos para a donairoza e gentil elegância com que se apresentaram as encantadoras filhas do srs Barão de Pombeiro, José Minotes, Condes de Margaride, Conde de Santa Luzia, José Martins Agra e outras que ainda me escampam da memoria. Todas e tudo belo, magestoso esplêndido digno de uma entusiástica saudação..." In "Comercio de Guimarães" 29.12.1888.

¹³⁸ O Rev. do Padre Eugénio da Costa Araújo Mota, magnifico organista e cantor da Colegiada.

¹³⁹ Episódio já descrito no meu "Ao Redor de Nossa Senhora da Oliveira" 1998, p.s 477-448.

¹⁴⁰ Nota 127, vol. II

¹⁴¹ "Anuário Comercial de Portugal", 1896.

Estarão cá, morarão mais ali? Comboios não lhes faltam; apreciem-se os horários¹⁴²:

CAMINHO DE FERRO DE GUIMARÃES
(via reduzida a 35 Quilómetros)
TABELA 14
Guimarães a Trofa e vice-versa

Preços por classes		Dist. Kilom.	Estações	2					12		4		6		8		10		Preços por classes		Dist. Kilom.	Estações	7		9		1		3		5		
1ª Reis	2ª Reis			Mixto 1ª 2ª	Misto 2ª 3ª	Mixto 2ª 3ª	Correio 2ª 3ª	Mixto 2ª 3ª	Mixto 2ª 3ª	Tarde	Tarde	Noite	1ª Reis	2ª Reis	Mixto 2ª 3ª	Mixto 2ª 3ª	Correio 2ª 3ª	Mixto 2ª 3ª	Mixto 2ª 3ª	Mixto 2ª 3ª			Mixto 2ª 3ª	Mixto 2ª 3ª	Mixto 2ª 3ª	Mixto 2ª 3ª	Mixto 2ª 3ª	Mixto 2ª 3ª	Mixto 2ª 3ª	Mixto 2ª 3ª	Mixto 2ª 3ª		
—	—	—	Guimarães	P	5	10-10	11-30	3-45	7-41	8-52	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Porto	P	5	7-10	8	11	3-31						
\$ 150	\$ 090	9	Vizela	"	5-24	10-32	11-51	4-09	8-09	9-19	\$ 440	\$ 345	23	Trofa	C	6-15	7-50	8-32	11-17	7-32													
\$ 290	\$ 150	13	Lordelo	"	5-35	10-44	12-02	4-22	8-23	9-31	\$ 200	\$ 100	9	Louzado	P	7-29	8-09	9-15	1-29	7-51													
\$ 400	\$ 200	18	Negrellos	"	5-53	10-58	12-18	4-40	8-47	9-49	\$ 140	\$ 070	3	Santo Tirso	"	7-40	8-09	9-25	1-39	8-03													
\$ 470	\$ 240	21	Canijo	"	6-05	11-08	12-27	4-50	8-53	9-59	\$ 240	\$ 150	13	Canijo	"	8-11	8-39	9-53	2-04	8-31													
\$ 580	\$ 290	26	Santo Tirso	"	6-16	11-20	12-39	5-05	9-08	10-12	\$ 240	\$ 150	13	Canijo	"	8-11	8-39	9-53	2-04	8-31													
\$ 690	\$ 350	31	Louzado	"	6-40	11-35	12-53	5-20	9-23	10-27	\$ 360	\$ 100	16	Negrellos	"	8-22	8-45	10-3	2-13	8-41													
\$ 750	\$ 390	34	Trofa	C	6-46	11-41	12-59	5-26	9-47	10-33	\$ 470	\$ 240	21	Canijo	"	8-37	8-56	10-19	2-25	8-57													
\$ 890	\$ 450	37	Lordelo	"	7-09	—	—	5-52	—	10-57	\$ 580	\$ 290	23	Vizela	"	8-52	9-10	10-36	2-39	9-14													
\$ 1190	\$ 730	57	Porto	C	8-20	—	—	6-50	—	11-38	\$ 750	\$ 730	24	Guimarães	C	9-14	9-30	10-59	2-58	9-37													

Os Comboios nº 7 e 8 só se efectua aos domingos e dias santificados nos mezes de maio a outubro.

O nº 6 desde o 1º de Novembro a 31 de Maio.

Os 7 e 10 não se efectua aos domingos e dias santificados desde maio a outubro inclusive.

O nº 12 não é efectuado desde 1 de maio a 31 de outubro.

Senhor do Cavalinho, principal impulsionador da via férrea, teve o Engenheiro António de Moura Soares Veloso a recompensa dos seus trabalhos, da sua dedicação? Leia-se o "Independente" de 24.7.1903:

"VELOZ...O VAGAROSO

Se como o outro que diz, só a quem boa arvore se acolhe, boa sombra o cobre, a árvore muito frondosa, deve ter recolhido Velloso amigo, que não há ai mal que lhe chegue, nem sol que o creste.

Faz o que quer, e sobra-lhe o tempo, dispondo a seu talante do tempo e do querer dos outros.

Se não vejam isto:

Um amigo nosso que foi outro dia a Vizela no comboio da manhã, contou-nos que tendo gasto os 20 minutos regulamentares de viagem, perdeu depois mais um quarto de hora, em frente das cadeias, na passagem de nível da estrada, porque Velloso amigo, pondo e dispondo do que não lhe pertence, manda os comboios fazer as manobras demoradas,

¹⁴² "Anuário Comercial de Portugal", 1896.

impedindo o transito, no que o auxilia um magnifico empregado, modelo da boa criação e dos bons modos.

*Ora nós, que somos pouco curiosos, só quereríamos que Velloso amicíssimo nos dissesse, qual era a Lei, que lhe permite estas coisas, se não nos palpitasse, que já tínhamos adivinhado a tal Lei!*¹⁴³.

Tudo acaba. António de Moura Soares Veloso morre no Porto a 1.6.1906. No seu testamento aparece como herdeira, sua irmã Dona Joaquina de Moura Veloso Guimarães, viúva, a residir no Porto, as acções da Companhia de Caminho de Ferro aos operários da mesma e um legado à Venerável Irmandade da Lapa¹⁴⁴.

Que há mais? No cemitério da Lapa, num recanto, uma coroa de bronze, floreada e legendada, lembrança do pessoal da Companhia¹⁴⁵. No Espaço Museológico de Lousada, em exposição a locomotiva, a "CCG, a Soares Veloso"¹⁴⁶, a homenagear em 1907 o falecido engenheiro, talvez na inauguração da Linha de Fafe, a encher os ares com seus silvos e faúlhas, brancos espirais de fumo a esbaterem a história, negra fumaça a sufocar mais detalhes.

VI

Um leve rumorejar de sedas. É mais uma senhora que surge. Viúva, vestida de rigoroso luto, dela pouco sabemos. Avança lesta, passo miudinho ou vem pesada, arquejante, sob o peso dos desgostos e falta de saúde? Irmã e única herdeira do Engenheiro Soares Veloso, Dona Joaquina de Moura Veloso Guimarães retalha Vila Flor. Como? Estamos, a 3.2.1908, no escritório do Tabelião do Porto, Dr. António José de Oliveira Mourão. São três escrituras¹⁴⁷.

¹⁴³ Jornal "O Independente" de 24.7.1903.

¹⁴⁴ A certidão do óbito ocorrido na sua casa no Porto na Rua de Cedofeita, encontra-se na 3.ª Conservatória do Registo Cível do Porto, tem o n.º 263. O Processo do Imposto Sucessório é o 120 do ano de 1906 do 5.º Bairro Fiscal do Porto, Vila Flor ou Cavalinho não são mencionados no rol dos bens. Devo estas valiosas informações ao Senhor Carlos Manuel Leite Ribeiro de Sousa, amavelmente dispôs-se a pesquisar no Porto e nos jornais da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento; muito lhe agradeço o auxílio prestado.

¹⁴⁵ No Cemitério da Lapa no Porto proveniente da Capela 159, 1.ª Divisão/Secção (jazigo dos Soares Veloso existiam dois bustos e uma "coroa" de metal floreada e com a seguinte legenda:

"António de Moura Soares Veloso
1848-1906
Homenagem ao benemérito gerente
Da C. ia de C. de Ferro"

Tanto a "coroa" como os bustos foram descobertos pelo Dr. António Azeredo que muito simpaticamente os fotografou, interrompendo os seus valiosos trabalhos (lindíssima obra monográfica sobre Guimarães e outras terras). Muito lhe agradeço a amizade, estendendo os meus agradecimentos à Provedoria da Venerável Ordem da Lapa pela licença concedida.

¹⁴⁶ No Espaço Museológico de Lousada (Museu dos Caminhos de Ferro) está em exibição a locomotiva "CFG Soares Veloso". Tem as seguintes características: - Ano da construção 1907 - Construtor: Machinemfabrik - Timbre da Caldeira: 12 kg/12 cm² - Esforço de Tracção 4,620 kg - Tipo de distribuição: Watschaerts/Plana - Capacidade de Aproveitamento: - Água 1500 l. Carvão 900 kg. Resultado na pesquisa via Internet de minha sobrinha Maria João. Grata estou também ao espaço Museológico e à Ordem dos Engenheiros, amavelmente responderam e tentaram ajudar-me.

¹⁴⁷ Três escrituras seguidas no cartório do notário António José de Oliveira Mourão, na rua Mousinho da Silveira na cidade do Porto a 3.2.1908 (Arquivo do Porto). D. Joaquina de Moura Veloso Guimarães vende a sua propriedade denominada Vila Flor ou Cavalinho, a abranger as freguesias de Urgezes e S. Sebastião, inscrita na Conservatória de Guimarães sob o n.º 15.303, fls 98 do livro B. 1.ª "um palacete composto de casa apalaçada, cocheira, terreiro, jardins, hortas, pomares de frutas, chafarizes, água de 3 minas e garagem" (tem as confrontações) a Bernardino Jordão. 2.ª "um terreno com a superfície de 13.486 m² onde fazem parte os campos da Eira e do Muro à Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, 3.ª tudo que sobra das outras vendas: muitas terras e até casas a Eduardo Manuel de Almeida. Devo esta escritura à eficácia do Sr. Sousa.

Algum terreno vai por um conto de reis para a Companhia da Fiação de Tecidos de Guimarães¹⁴⁸. Terra, muito terra. Espreada por Urgezes, a entrar por S. Sebastião, a espreitar a Caldeira e o Relho são entregues por dez contos e duzentos mil reis nas mãos de Eduardo Manuel de Almeida, conceituado vimaranense, Director da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães e correspondente do Banco de Portugal. E por grande parte da propriedade ficar sua, discorramos, em breves traços, por episódios da sua vida.

Vila Flor, terrenos e anexos são seus velhos conhecidos. Quando da Exposição Industrial de 1884, fizera parte da "Comissão de Meios", a angariar fundos para a sua realização. O tempo a correr, monárquico convicto, nunca poderia esquecer El-Rei D. Luís a descerrar a bela estátua de D. Afonso Henriques, magnífica obra de Soares dos Reis, construída com as dádivas da Colónia Portuguesa do Brasil. Era então vereador efectivo da Câmara de Guimarães, a tudo assistira de muito perto. Integrado na "Comissão da Recepção à Família Real". Também muito se recordava da visita de El-Rei D. Carlos em 1891; assinara com o soberano a acta da inauguração do "Pequeno Seminário de Nossa Senhora da Oliveira"¹⁴⁹.

O tempo passara. Agora, ao comprar parte das terras de Vila Flor, outros são os seus cuidados, outras as alegrias. É o ano em que casa sua filha, Dona Maria de Oliveira com Joaquim Teixeira de Menezes, fidalgo cavalheiro, mas acérrimo militante do Partido Republicano¹⁵⁰. Ano onde se desenha todo o lirismo do filho mais novo Jerónimo António de Almeida¹⁵¹, a realçar o amor à terra, o encanto do belo. O brilhar do talento do primogénito o Dr. Eduardo de Almeida¹⁵², notável advogado, a palavra a ecoar pela clareza e eloquência, a prosa a peregrinar pelo termo de Guimarães, a Sociedade Martins Sarmento na mente e no coração.

¹⁴⁸ A 7.5.1890 principiou a construção da Fábrica de Fiação e Tecidos de Campelos, no lugar desse nome, freguesia de S. João de Ponte, que antes era local quase deserto, onde apenas existia a Capela do Senhor dos Aflitos, mas com este empreendimento se veio a transformar numa zona operária que chegou a ter grande desenvolvimento", in "Efemérides", (n 127).

¹⁴⁹ V. o 2.º livro citado na nota 130 (exposição) e do mesmo autor: "O Centenário duma estátua e sua História" in "Boletim de Trabalhos Históricos", vol. XXXVIII e também o meu "Ao Redor Sw Nossa Senhora da Oliveira" (n 55) nas p.s 425, 448 e 478.

¹⁵⁰ Casaram na lg.ª de S. Romão de Mesão Frio a 26.1.1908, ele era f.º de Rodrigo Teixeira de Menezes, Deputado da Nação (na monarquia) e de sua m.er D. Adelaide Sofia Martins de Queiroz Montenegro, + a 31.3.1920 V. o meu e Helena Cardoso de Macedo e Menezes "Genealogias Vimaranenses", Braga, 1967, p. 61. D. Maria da Oliveira passou a 2. as núpcias em 1924 com o Professor António de Jesus Gonçalves S. G.

¹⁵¹ Nascido em Guimarães a 23.6.1884, bom, poeta lírico, autor de vários livros e folhetos como "Therenos", "Flores da Neve", "Gloriosas Naus", "Berço da Pátria", etc. etc. Publicou também "Roteiro da Cidade de Guimarães" em 1940.

¹⁵² Nasceu em Guimarães a 3.2.1884 e + em 1958. Aos 15 anos já se dedicava ao jornalismo; pouco depois as suas publicações provocavam escândalo no meio vimaranense pelo avançado das suas ideias. Formou-se em Coimbra, brilhante advogado, notável orador; a sua pena corria sobre temas históricos e outros assuntos. Dirigiu jornais; o seu talento brilhou em muitas facetas. Depois da proclamação da Republica, ideal que professou, ocupou alguns cargos públicos, e foi deputado por Guimarães à Constituinte. Director e Sócio Honorário da Sociedade Martins Sarmento, sempre pugnou pelos interesses da instituição assim como os da cidade de Guimarães. Publicou entre outros: "A Família e a Evolução Social"; peças teatrais como "O Marido", novelas como "As Almas do Purgatório" e "O Edecetra", trabalhos de investigação histórica, como por exemplo: "Romagem dos Séculos", "Alguns Episódios e Letrados do Foro Vimaranense", "Peregrinação pelo Termo de Guimarães" etc. Para melhor se conhecer a sua personalidade e obra, veja-se: na "Revista de Guimarães" n.º 68: Mário Cardoso: "Bibliografia do Dr. Eduardo de Almeida", "Eduardo de Almeida 1884-1958", Aníbal Mendonça "O Eduardo de Almeida, um dos últimos Românticos do Romantismo" e Alfredo Pimenta "Eduardo de Almeida" na mesma revista n.º 94 Mário Cardoso "Noticias da Actividade Cultural, Centenário do Nascimento de Dr. Eduardo de Almeida" e nas "Páginas Minhotas" de Alfredo Pimenta o capítulo Eduardo de Almeida.

Casado com D. Angélica de Sá Soutomaior Pizarro de Almeida, f.ª de Eduardo Vieira da Cruz Pinto de Almeida e de sua m.er D. Rita de Cassia de Sá Soutomaior Pizarro, viúva c.g. de António Leite Pereira da Silva, teve descendência V. J. Montalvão Machado "Dos Pizarros de Espanha aos de Portugal e Brasil", Lisboa, 1970, p.407 e o meu "Velhas Casas I" (n 69) - Casa da Freira. António Lino na "Monografia de Guimarães e seu termo", 1884, p.163 conta que depois da brilhante oração a elogiar João Franco (seu inimigo político) feita pelo Dr. Eduardo de Almeida, na inauguração da estátua que Guimarães erigiu em gratidão ao grande estadista, interpelado pelos seus espantados correligionários. Eduardo de Almeida respondera: - Em Guimarães somos todos franquistas.

A 6.3.1908, Eduardo Manuel de Almeida e sua mulher D. Ermelinda Angélica de Almeida, três dias depois de as terem comprado, vendem as terras¹⁵³. Logo salta o boato: no dia seguinte, a sete de Fevereiro, o "Comércio de Guimarães" publica: "O Senhor Eduardo de Almeida cede o seu palacete de Vila Flor ao senhor Bernardino Jordão"¹⁵⁴. É espantoso como se espalham as falsas notícias.

Como se lê nas escrituras, Dona Joaquina, no próprio dia em que se desfez do resto, também vende, por cinco contos de reis, a parte principal da Propriedade. Para Bernardino Jordão vão "a casa, jardins, chafarizes, minas, pomar e alguns campos", toda a graça e impenhência de Vila Flor ou Cavalinho.

Em Novembro de 1908, Bernardino Jordão e sua família vivem em Vila-Flor - Cavalinho, casa que lhes pertence.

VII

Rodopiem, saltem de terraço em terraço, corram!

Os jardins¹⁵⁵ são lindos, o sol fásca no colorido dos azulejos¹⁵⁶, a brisa levanta a água, num sussurro, nas taças. Alegre, viçoso, o buxo desenha os canteiros e António (Júlio já não está foi pequenino para o céu), Júlia, Luísa, Amélia, Fernando e Belmiro, filhos dos Senhores da Casa, uns espigadotes, outros quase a gatinharem, estão felizes.

Os mais novos podem jogar às escondidas, à cabra cega, às pedrinhas, ao eixo. Saltem à corda, entusiasmem-se com a bola, o pião, a bonecada. Deleitem-se os mais velhos com a frescura das "casas de recreio", refugiadas por debaixo dos patamares, com o doce passear entre a beleza. Vá! Encham estas páginas, encham Vila Flor de guinchos, de risadas. Brinquem, em escantilhão pelas escadarias, agarrem-se às balaustradas, num alvoroço, numa alegria! Vigiam-os a criadagem, solicita nas merendas, atenta aos pormenores.

Dentro de casa, entre rendas e cambraias, dorme mais um filho: Eduardo, a vir ao mundo a 2.11.1908¹⁵⁷, o primeiro Jordão a nascer nesta casa. Com o tempo outros virão: Francisco a 3.5.1910 e José, o último, fraquinho das pernas, sempre no carrinho. Ao Jardim atraídos pela algazarra, chegam mais meninos: os primos¹⁵⁸, aqui hospedados, a modesta e suave Izildinha, quase santa na sua apagada existência¹⁵⁹, quantos mais. Sobre todos, sobre tudo, a Mãe a dona da casa, Dona Joaquina Leite Lage Jordão, nobre senhora, filha de Francisco José Leite Lage, Senhor da Casa da Lage, em Cepães,

¹⁵³ Vendem-se retalhadas: a António de Reis Porto, Gerente da Companhia de Caminhos de Ferro de Guimarães. Logo a seguir Rui Maria de Brito e Cunha, empregado do "Colonial Oil Society" sediada em Nova Jersey, com sede em Lisboa, por proc. de Frederick Constance Sellers arremata outra parcela para depósito da Companhia de Caminhos de Ferro de Guimarães. Não tarda a venderem também p casal de Souto Franco incorporado a Vila Flor a António Manuel da Silva Vilela e Jerónimo Cardoso Salgado... Escritura no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, livro do notário José Joaquim de Oliveira Bastos (N 2304) na primeira página e seguintes.

¹⁵⁴ Noticiava no "O Comércio de Guimarães".

¹⁵⁵ Boa descrição dos jardins no artigo ilustrado de Maria Manuela Pinheiro "O Palácio e a Quinta de Vila Flor" in "Património, Identidade, Ciências Sociais e Fruição Cultural" n.º 1 Out 1994 pag.s 37-42

¹⁵⁶ Agostinho Guimarães "Azulejos Artísticos de Guimarães". Guimarães, 1983

¹⁵⁷ Registo Civil de Guimarães - Nascimentos de Urgeztes.

¹⁵⁸ D. Joaquina Leite Lage teve alem duma irmã + menina mais duas: D. Júlia + solt^a e D. Maria dos Prazeres x c. António de Araújo Salgado, c.g. . Quanto a irmãos tirando um + pequeno teve mais 3: Francisco Leite Lage, x c.g. ext^a, José Júlio Leite Lage, distinto médico pediatra, x s.g. e Florêncio Leite Lage que passava largas temporadas com sua mulher e filhos em Vila Flor. Foram seus filhos: D. Virginia (X 1^a vez com Manuel da Silva de Castro Sampaio, c-g. e a 2^a c. Joaquim Augusto de Moura Vasconcelos), D. Maria do Patrocínio x c., José António de Castro Jr, c.g.), D. Maria Beatriz e José Júlio + m. Quem muito frequentava a Casa era o irmão de Bernardino Jordão, o Rev. Do Padre António da Cunha Jordão, muito amigo dos sobrinhos: V. livro citado na nota seg.te.

¹⁵⁹ Pedro Nuno "Izildinha, o Anjo do Senhor", Ed. Pereira Cardoso S. Paulo, Brasil, 1953, interessante biografia duma menina, protegida da família Jordão, falecida em odor de santidade, cujo corpo foi trasladado para o Brasil, onde é venerado por santa. Tem muitas fotografias.

Fafe, e de sua mulher; Dona Maria do Patrocínio Leite Pereira da Silva, neta paterna do casal João Leite de Sampaio, Dona Maria Josefa Freitas do Amaral e materna de Florêncio Ribeiro da Silva e esposa Dona Ana Joaquina Leite Pereira de Melo, a descender, principalmente por suas Avós, de fidalgas casas de Fafe e Cabeceiras¹⁶⁰.

Assim se imagina o quotidiano de Vila Flor ou Cavalinho nos finais da primeira década do século vinte. Vamos torná-lo mais vivo, mais real, com o grito:

"Chegou o Pai! O papá chegou!"

E todos se precipitam em correria.

Do seu magnífico automóvel, adquirido a 13. 4.1904, veloz viatura a espantar¹⁶¹, sai Bernardino Jordão. Passeia-se a família aos domingos e dias santificados, a barulhenta máquina, pasmo das gentes a percorrer as poeirentas estradas.

- "Corre, que vem aí um carro!"

- "Foge! Não ouves? Parece o demónio".

Voam espavoridas as galinhas, amedrontam-se aldeias, estacam carroças, empinam-se assustadas cavalgaduras.

Aproveita-se o passeio para desenrolar um pouco da vida de Bernardino Jordão: uma ascensão feita de trabalho e honradez. Nasceu a 16.3.1868 em São Romão de Arões, Fafe, oriundo duma longa linha de Lavradores¹⁶². Para Guimarães veio; as primeiras letras bebeu-as nas aulas externas do Asilo de Santa Estefânia¹⁶³. Principiou a trabalhar aos 12 anos, ali, na Feira do Pão, estabelecimento de lãs de António Pereira da Silva. Subiu.

Primeiro viajante. Sócio de Manuel Pinheiro Guimarães; em 1898 estabeleceu-se por conta própria, a grosso e a retalho. Casa com Dona Joaquina Lage, nascem-lhes os primeiros filhos no Toural onde residem. A 29-5-1899 foi irmão da Real Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, é Tesoureiro em 1902¹⁶⁴.

¹⁶⁰ Para os costados desta senhora v. José de Sousa Machado "Últimas Gerações de Entre Douro e Minho", Livro Segundo, Ed. do Autor, Costado 208, Casa do Arrabalde, Cabeceiras de Basto, & 5. Alem desta descendia das Casas da Lage em Cepães, Fafe, Ribeira em Vila Nune, Cabeceiras de Basto, Covilhã na Faia, Torre em Santa Comba de Fornelos, Luz em Fornelos, Fafe, etc. V. Francisco Maia e Castro, fascículos 72-73 dos "Carvalhos de Basto", Porto, 1995 onde estuda todas estas casas e evidentemente trata a família Jordão.

¹⁶¹ "Tinha naquele tempo Bernardino Jordão, um dos poucos automóveis particulares existentes na cidade. Tratava-se dum enorme carro "Benz", capota quadrangular de couro, tipo móvel com um banco comprido e largo na Lente: atrás duas cadeiras e um espaço assento, a completar as acomodações. Punha-se em movimento o ruidoso motor sob o impulso da manivela e sob a acção do magneto. Desprovido de partida eléctrica, seus faróis eram alimentados a acetilene. Uma corneta, accionada a sopro pela compressão duma pedra de borracha, anunciava com estrondo sua singular passagem, para gaudia dos transeuntes e susto de algum desprevenido, que dava um salto bem maior que os do cidadão de hoje, ao roçar do mastodonte. A acção do motor do automóvel chegava às rodas por meio de correntes, cremalhadas ao eixo traseiro do carro. Na sua mais acelerada marcha, devia desenvolver seus cinquenta quilómetros horários, altíssima velocidade para a época". Assim passeava Bernardino Jordão toda a sua família alegres excursões e pic-nics, in livro mencionada na nota 152. Hélder Rocha nas "Efemérides Vimaraneses-Agenda", vol 1, ed. de Povo de Guimarães, 1996, anota: "3.3.1904, adquirido por Bernardino Jordão, chegou a esta cidade, um automóvel, que consistia verdadeira novidade, "é muito elegante, de sistema "gladeator" com dois cilindros e lugares para cinco pessoas, solidamente construído e desenvolvendo grande velocidade e resistência admirável", conforme regista o jornal da época".

¹⁶² Filho "de Francisco José da Cunha Jordão, da Ribeira, em S. Romão de Arões e de s.m D. Luísa Soares Leite, de Pombeiro de Cepães, net. pat. de José Bernardino da Cunha Jordão, da Ribeira e s.m D. Maria de Freitas, de Souto de S. Romão de Arões; e mat. de José Soares, de Pombeiro em Cepães e s.m. D. Joana Leite, da Serra, em Pombeiro, Felgueiras. Em nota: () Foi seu 7^o avô em legitima varonia, Jordão Alvares, da Lage, em S. Romão de Arões, já fal. em 2.5.1575, quando do cas. de seu f.º Pedro Jordão". In p. 381 do fasc. 72 informações dadas ao Dr. Maia e Castro pelo Dr. Óscar Jordão Pires, neto de Bernardino Jordão.

¹⁶³ "A Electricidade em Guimarães - Um Homem e uma Obra", ed. pela Firma Bernardino Jordão, F. os e C. ia ao celebrar o cinquentenário da Firma, 1953, donde tiro muitos elementos biográficos. No meu "140 Anos do Lar de Santa Estefânia", Guimarães, 2000, p. 4 vem como aluno premiado nos anos de 1878 a 1883, o irmão de Bernardino Jordão, o futuro Padre António da Cunha Jordão. Por não se transcreverem os premiados de todos os anos, não consta o nome de Bernardino. É provável que fizesse parte.

¹⁶⁴ O meu "Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos - História duma Irmandade", até a p. 160, edição da Real Irmandade de N. Sr.ª da Consolação e Santos Passos, Dez^o, 2004 (Subsídios Demográficos, Índices e Pautas Documentais por José Couceiro da Costa da p. 161 em diante, p.s 107, 121 e 220.

Surgem outros personagens: um plácido Júlio de Campos, acusado do assassinato do distinto vimaranense Francisco Ribeiro Martins da Costa, senhor da Quinta de Agra, crime a horrorizar e espantar Guimarães. A cidade apaixonou-se: vibra, discute o julgamento: prosseguem as audiências, principiadas a 12.12.1901. Na defesa o fascínio da eloquência do Dr. Afonso Costa, já brilhante advogado. Prova a inocência do arguido: "... e no lance próprio, quando o juiz lê a sentença que o absolve, na sala, onde se entrecrocaram sentimentos favoráveis e sentimentos desfavoráveis ao absolvido, se reboam murmúrios adversos à deliberação do Júri, os aplausos ao Reo e ao seu Patrono sobrelevam todos os rumores hostis.

O delegado protesta contra nulidades do julgamento e apela da sentença para os tribunais superiores. Em face da apelação o absolvido só será posto em liberdade mediante fiança; o que o Juiz fixa em cinco contos.

O negociante Bernardino Jordão presta a fiança. Júlio de Campos sai da cadeia, onde o vai soltar Afonso Costa, no trem que o conduz em triunfo, ao seu lugar, à sua casa¹⁶⁵.

Amigo de Afonso Costa, "que por sua iniciativa veio ao julgamento do Agra, Bernardino Jordão, filia-se então no Partido Republicano"¹⁶⁶.

Regressa-se à sua carreira. Desponta outro personagem Charles Wright, concessionário da "United Electric Power Supply Co. Lm. t", companhia inglesa, sediada em Manchester, a inaugurar a luz eléctrica em Guimarães a 16.08.1903¹⁶⁷, tremulas luzinhas a bruxulearem de onde a onde. Dois anos depois espreita-lhes a falência. Recorrem ao crédito: a 14.5.1905 hipotecam os seus bens a Bernardino Jordão¹⁶⁸. Vamos ter Luz!

A "United Electric Power Supply Co. Lm. t" nomeia seu procurador e administrador para dirigir todos os seus bens e negócios em Portugal e nomeadamente em Guimarães o comerciante e industrial Bernardino Jordão, o que teve como consequência a vir a adquirir todo o activo e passivo da firma inglesa em 9 de Setembro de 1908, sendo de destacar os direitos da distribuição da luz eléctrica"¹⁶⁸.

Já apareceram também graves cavalheiros: a direcção do Asilo de Santa Estefânia, pretendiam a luz eléctrica.

"...A 6.9.1906 falam com Bernardino Jordão.

¹⁶⁵ Sousa Costa "Grandes Dramas Judiciários - XVI Francisco Agra" Editorial de "O Primeiro de Janeiro", Porto, p. 384.

¹⁶⁶ 1º Livro na nota 163. "16.8.1903 - Às oito horas da noite, é inaugurada, num barracão feito de novo, no campo da Barroca, junto ao palacete de Vila Pouca, a luz eléctrica da cidade, efectuando-se uma cerimónia em que o Presidente da Câmara "abriu o circuito", "Efemérides" (n.º 163) e 1º vol. da nota 156.

¹⁶⁷ "empréstimo que Bernardino Jordão faz à Companhia de Luz e Electricidade", a 14.12.1905, L.º de notas do Tab. Oliveira Bastos, Arq. Mun. A. Pimenta.

¹⁶⁸ Nomeado procurador e administrador a 21.6.1906, a 18.9.1908 "Honoris Grant cônsul britânico, certifica a autenticidade do recibo da United Electric Light Power Supply Company Limited, passado a Bernardino Jordão no Valor de setecentas libras, sendo o preço da concessão do fornecimento de luz eléctrica e energia de Guimarães e a todo o activo da Companhia em Portugal, ficando o comprador sujeito ao pagamento das dividas da mesma companhia", in "Efemérides" 1º e 2º vol (nota 163). No 1º vol. da nota 163 acrescenta-se: "... cinco anos depois de lhe terem dado a concessão, voltou para o aproveitamento Hidro-Electrico do Rio Bugio, já estudado pelo Electro-Industrial do Norte. Fundou então com a Firma António Costa Guimarães, Filho e Cia e a Firma Cruz e C. ia a Hidro Eléctrica de Corvete com a potencia de 900 H.P.; entrou a funcionar em Maio de 1917".

Na madrugada de 17.1.1907 deflagra um incêndio no Asilo. Não é pequeno, dá-se logo parte à Companhia de Seguros Garantia e apela-se para um aumento de subscritores. Bernardino Jordão, com a sua generosidade natural e talvez lembrado dos tempos da mocidade, aluno externo do Asilo, a vencer as primeiras letras, oferece, neste mesmo dia, a instalação eléctrica de graça"¹⁶⁹.

Senhor de Vila Flor, adquirido pela sua beleza, capacidade de alojar muita família, fartura de Nascentes aproveitáveis para a energia eléctrica, logo nele constrói "dois edificios, um em que instalou um locomóvel Lanz de 200 H.P. accionando dois dínamos de corrente continua e já com espaço para outro locomóvel para o escritório"¹⁷⁰.

E agora, agora que o Cavalinho, Vila Flor são seus, a casa cheia de amigos, da vivacidade dos filhos, que se passa no palacete e terras anexas?

"6.1.1909 Fábrica de Luz Eléctrica

O nosso amigo Senhor Bernardino Jordão querendo inaugurá-la com a solenidade possível no nosso pequeno meio convidou a Câmara e todos...

A banda União percorreu de manhã as ruas e largos a tocar o hino da cidade e pelas 4 da tarde dirigiu-se à nova fabrica a tocar o mesmo hino na entrada dos convidados que começaram a afluir às 4 da tarde.

O vasto edificio está surpreendente de beleza e bom gosto.

O locomóvel, a linda e surpreendente máquina que pôs em movimento o dínamo gerador de energia eléctrica levantava-se soberbo numa afirmação eloquente de quanto pode o talento do homem.

Os arbustos e as flores, as pratas e os cristais que brilhavam na extensa mesa onde devia servir-se o copo d' agua formavam um conjunto admirável, devido ao talento artístico e comprovada competência do Sr. Dr. Pedro de Barros que com sua Ex.ma tia a Senhora D. Violante de Barros presidiu aos trabalhos decorativos.

Às 5.30h, o vasto salão repleto, o Presidente da Câmara Abade de Tagilde acompanhado pelo Administrador do Concelho Dr. Mota Prego e Bernardino Jordão abriram o condutor da iluminação publica.

Hino, foguetes, palmas, vivas, brindes e vivas a EL-Rei.

Serviu a Casa Lemos e C.ia do Porto"¹⁷¹.

¹⁶⁹ No meu "140 anos do Lar de Santa Estefânia" (n. 163), p. 61.

¹⁷⁰ Primeiro livro citado na nota 163.

¹⁷¹ Jornal "O Regenerador", de 5.9.1909.

Republicano convicto, nas tristes ocorrências da I República. A avenida do Comércio a passar a denominar-se Avenida Cândido dos Reis¹⁷², evidenciou Bernardino Jordão o seu sentido de Justiça, respeito pelos adversários e gratidão pelos que bem lhe tinham feito. Num relance lembre-se como valeu ao clero, à família do Conde de Margaride, a muitos outros. E desenrole-se duas pequenas amostras, a ressaltar a sua solicitude pelo bem estar alheio.

Adoecera gravemente o Ex.mo Senhor Domingos Ribeiro Martins da Costa. Longe da Cidade, no encantador cenário do seu solar de Aldão, não havia maneira de efectuar umas radiografias necessárias; ao estado do paciente. Ao saber da aflição da família, Bernardino Jordão, logo, sem cobrar instala a luz em Aldão permitindo o tratamento. E agora oiça-se outra testemunha: Alfredo Pimenta, o grande historiador vimaranense, no lindo relatar das suas "Paginas Minhotas":

"... Durante anos tive de me conformar com o pior: as velas de esterina e candeeiros de petróleo. Amofinava-me, inquietava-me e assustava-me: desde que um começo de incêndio nos chamou à triste realidade das coisas.

Um dia, decidi-me, perguntei ao excelente e saudoso Bernardino Jordão: "não posso ter luz eléctrica em casa?" E ele, sorrindo, respondeu: "pode, consiga V. Ex.cia que a Câmara me deixe alargar a rede da electrificação". Ora eu sabia que o prazo da concessão estava a terminar. E o presidente da Câmara o Cuecas, não fazia nada que não fosse hostilizar-me. De modo que repliquei a Bernardino Jordão: "então nada feito, tudo perdido, paciência...".

Bernardino Jordão ficou silencioso uns minutos, e a sorrir, os olhos muito brilhantes, observa-me: "... que eu, se quiser, ponho-lhe a luz em casa, sem pedir nada à Câmara...".

"Quê?", disse eu, receoso de estar sendo vítima de mangação. "Quê, repeti eu".

E Bernardino Jordão, olhando bem para mim, interroga: "o Sr. Dr., dá-se bem com o seu vizinho da Veiga?". E eu respondi: "nem bem, nem mal, estamos frios ...".

"Não faz mal", esclareceu Jordão. Somos amigos e ele não me diz que não, as terras de V. Ex.^a cia não tocam nas dele, não é verdade?".

"Tocam". "Pois bem, de hoje a oito dias, terá a luz eléctrica em sua casa...". Eu ainda repliquei: "Senhor Bernardino Jordão não esteja a brincar comigo... Isto parece um sonho...".

E Bernardino Jordão, levantando-se, a despedir-se: "É o que eu lhe digo, de hoje a oito dias tem aqui a luz eléctrica".

E foi-se embora, muito contente. Subi ao andar de cima, e contei a minha mulher: "Não queres saber, o Jordão garantiu-me que daqui a oito dias temos luz eléctrica em casa ...". E ela. Céptica, pessimista... "E tu acreditas?... Não penses nisso ... Vais ver!".

¹⁷² Por decreto de 2.11.1910 a então Avenida do Comércio passou a denominar-se Avenida Cândido dos Reis oficial da marinha, almirante, esforçado republicano, que ao julgar perdida a sua causa, suicidou-se, quando a República já estava proclamada.

Passaram os oito dias - e nada!

"Eu não te dizia", lembrava-me minha mulher. E eu desconsolado, mas a fingir-me forte: "Quem sabe!".

No dia seguinte, de manhã, uma carta do Jordão a pedir desculpa do atraso, mas tivera que empregar o pessoal todo num serviço urgente: preveniam-me, porém, que dois dias depois, às sete horas da manhã, estariam à minha porta duas camionetas com tudo que era preciso para a instalação... "E Bernardino Jordão, generoso como poucos, não me levou nada pela instalação até à porta da casa"¹⁷³.

Gestos como estes são muitas vezes repetidos.

Vila Flor? Cavalinho? Vai mudar de mãos?

A 28.4.1917 Bernardino Jordão e sua mulher Dona Joaquina doam-o ao seu primogénito António Lage Jordão, no valor de 25 contos e "por conta da sua legitima paterna e materna vindoura". Com muitas condições: "a) reservam o usufruto até à morte do ultimo b) reservam os dois edificios construídos em terrenos de Vila Flor onde se acha instalada a Fabrica de Moagem e a da Luz Eléctrica, ligadas entre si c) um edificio que serve de escritório construído no mesmo prédio d) uma porção de terreno com 40 m de largo por 50 de comprido e) a terra que venderam a D. Rosa de Jesus Mendes por escritura de 1.9.1918 f) de todos reservam as servidões, tanto para carros como para gente, como mais convenha aos doadores". Além das reservas não tem obrigações o doado? Não são poucas: "tem que fornecer aos doadores, seus herdeiros e sucessores, possuidores das duas referidas fábricas, toda a água que eles carecem para a laboração das ditas fábricas. Poderão os usufrutuários, seus Pais, fazer todas as obras, melhoramentos e modificações sem consultarem o beneficiado e este, à morte dos Pais, conferirá com seus irmãos todos o valor dos prédios doados, sempre que possa preencher-se da totalidade da doação pela quota disponível dos doados e da escritura de doação apresentada". Temos então Senhor de Vila Flor e Cavalinho, António Lage Jordão, o retrato do Pai na iniciativa e valores, "solteiro, emancipado, empregado comercial, morador na mesma Casa"¹⁷⁴.

Nasce em 1921 a "Firma Bernardino Jordão, Filhos e Cia Lda", transfere-lhes o Pai a concessão, e em 1924 a luz já irradia por toda a cidade e pelas freguesias de Azurém, Creixomil, Urgez e Costa, candeeiros e velas a recolherem aos armários; as noites das Caldas das Taipas a clarearem devagar.

¹⁷³ Alfredo Pimenta "Paginas Minhotas", Guimarães, 1950: "Aquela Casa à Beira da Estrada", p.s 337-338.

¹⁷⁴ No "Livro das Descrições Prediais" esta doação sob o número 8814 a 3.7.1917. O usufruto dos pais está inscrito sob o número 8815. A escritura da doação encontra-se nas notas do Tabelião Gaspar Ribeiro da Silva Castro, a 28.4.1917. Tudo o que se refere ao Livro das Inscrições Prediais devo à enorme amabilidade do Ex.mo Sr. Carlos Sousa.

A 30.6.1924, Bernardino Jordão e sua mulher Dona Joaquina Leite Lage Jordão, compram a seu filho António Lage Jordão por 25 contos Vila Flor e Cavalinho por escritura nas notas do Tabelião António José da Silva Basto e a 8.5.1925, "a propriedade de Vila Flor ou Cavalinho, situada na Avenida Cândido dos Reis, composta de um palacete, casas de arrecadação, garagem, cortes para gado, terreiros, jardins, hortas, pomares, águas de três minas de sub-solo, campos do Muro e da Feira, terrenos lavrados, casa de escritório, edifício da Fabrica de Luz Eléctrica, edifício da Fabrica da Moagem e respectivos armazéns" fica inscrita a favor da firma comercial "Bernardino Jordão, Filhos e C. ia Lda"¹⁷⁵.

E Vila Flor, unido à família Jordão, com os netos em correrias, nas buscas de imaginários tesouros nos "falsos" dos seus corredores, com a magia dos seus jardins, a simplicidade ingénuas das estátuas de Reis, vê as suas terras remexidas por mais um sonho de Bernardino Jordão: um teatro, a substituir o já antigo e decrépito, um bom teatro onde se assista com conforto a uma bela peça, a um divertido filme. Principia a obra, o terreno é alagadiço, corre por baixo o Rio de Couros, mal cheiroso, fétido. Recorre-se ao sistema de estacaria; fortes pinheiros amparam os alicerces¹⁷⁶.

Mostra-se um leve, um levíssimo apanhado sobre a cidade. Saida há pouco da desordem, o país quer atingir uma meta: a paz e a prosperidade. Nem todos concordam com os métodos seguidos, estes são espionados, reprmidos. Bernardino Jordão, encontra-se entre eles. Contentes, descontentes formam pequenos grupos, esparsos pela multidão anónima. Por Guimarães esvoaçam panfletos. Agarremos um:

"AO POVO DE GUIMARÃES
CONVITE

A construção de um teatro de iniciativa particular, não é um acontecimento que passe despercebido aos habitantes duma cidade, ciosos das suas tradições. Marca pelo seu significado cultural e envolve uma lição que é de aproveitar pela sua doutrina sedutora e perfeitamente aceitável.

É uma acção generosa e boa. É uma virtude e um exemplo. - E uma verdade enérgica e um ensinamento.

Aos nossos desejos e aspirações legítimas entre mil males diversos, veio contrabater o desejo e a aspiração legítimas, de um Homem que sabe lutar, dominar, vencer - um verdadeiro Homem, de iniciativas rasgadas e decididas, de Alma semelhante ou igual à dos Artistas. Não devemos esquecer o seu nome. Chama-se Bernardino Jordão - e a cidade franca e agradecida, espontânea e liberalmente cumpre-lhe o dever de manifestar o seu reconhecimento por tão grande favor, incorporando-se num cortejo promovido por um grupo de vimezanenses, que, hoje, pelas 21 horas, partirá da "Parada dos Bombeiros", em direcção da residência de tão prestante cidadão, d'ora-avante considerado um vimezanense de "antes quebrar que torcer".

Da nossa gratidão devemos fazer uma lição para todos os homens.

VIVA BERNARDINO JORDÃO!
VIVA GUIMARÃES!
Guimarães, 22 de Fevereiro de 1937¹⁷⁷."

¹⁷⁵ Inscricção sob os números 425 e 426 a 8.5.1925 no "Livro das Inscricções Prediais", onde se assinala a compra e a transmissão da Firma.

¹⁷⁶ Informação do Senhor Carlos Sousa.

¹⁷⁷ Cópia dum panfleto distribuído nessa data pela cidade.

Também, então aparecem amigos a desencantarem talentos, a rimarem:

Bradavam já as almas magoadas
Expandindo a amargura que sentiam
Referver nas estranhas derrancadas,
Na falta, dum teatro, que sofriam.
Alto, esguio, de maneiras despachadas
Respondendo ao desejo que exprimiam,
Destaca-se, entre todos venerado,
Ilustre cidadão, inesperado!
Num momento de feliz iniciativa,
Onde impera a vontade de vencer,
Jordão começa a obra, empresa activa?
Onde a Arte, em torrentes, vai vencer!
Restituindo a rotina intempestiva,
Dos que maus patriotas querem ser.
Aquele Homem, brioso, passa avante,
Ostentando o seu Vulto triunfante!

Guimarães, 1.12.1937
F:C:M:"¹⁷⁸

E o teatro sonhado, o seu presente à cidade, ergue-se, levanta-se...

"...por perseguição política, teve de acompanhar da prisão a evolução dos trabalhos da sua construção. Mas isso não lhe quebrantou o ânimo. Na véspera da inauguração do edifício do teatro, foi prevenido que a nova casa de espectáculos não poderia ter o seu nome. Mercê duma injustificável e inexplicável violência. Grande foi o abalo moral que o facto lhe causou. Mas o teatro inaugurou-se afinal na data projectada, sob a invocação do nome de Martins Sarmento..."¹⁷⁹.

A gente pasmada, entreatolha-se, olhares fixos no pano, a tapar o nome verdadeiro do teatro, substituído pelas garrafais e inexplicáveis letras: "Teatro Martins Sarmento".

¹⁷⁸ Versos até então inéditos, publicados no "Notícias de Guimarães" de 31.10.1959, no cinquentenário da Firma Bernardino Jordão. Aí também se encontra um soneto "Um Homem", dedicado ao mesmo de autoria de Delfim de Guimarães.

¹⁷⁹ Tirado do artigo "Singular biografia publicado na mesma data e mesmo jornal citado na nota anterior.

Amarfanhado, altivo, a engolir a sua dor e a da família faz-se a inauguração: o teatro abre a 20.11.1938. Uma grande festa: um Sarau Vicentino em toda a sua glória, seguido dias depois por a peça "Isabel, Rainha de Inglaterra", a "Companhia do Teatro Nacional de Almeida Garrett, nomes como João Vilaret, Amélia Rey Colaço, Álvaro Benamor, Raul de Carvalho, Lucília Simões, Maria Lalande, Robles Monteiro e José Cardoso a brilharem no seu palco, a sala perfumada com "Noite de Prata", pela Perfumaria Nally, doces e mariscadas no copioso "buffet"¹⁸⁰.

Volta-se às "Páginas Minhotas". Tem Alfredo Pimenta ensejo de lhe "sara a ferida". Fala ao Ministro da Justiça, Professor Mário de Figueiredo. Rompe-se o pano a esconder a verdade, à luz ressurgem as letras "Teatro Jordão", aquele que foi alguém pela actividade, pela tenacidade, pelo poder de realização "E o teatro continuou por muitos anos. Durante gerações, nos camarotes, na plateia, riu-se, chorou-se com os filmes, viveu-se a música das orquestras, bateram-se palmas entusiasmadas. A 23.5.1940, Deus chama a si, o seu Patrono: Bernardino Jordão, senhor de Vila Flor, um exemplo de valor, bonomia e grandeza, a deixar ao filho mais velho, "magro como ele, activo e expedito como ele, a continuar a sua obra"¹⁸¹. Obra a seguir também com os outros filhos e netos: a Firma Bernardino Jordão ao Filhos e C. ia".

Um dos netos, Bernardino como o avô, Bernardino Madureira Jordão, abre as portas com muita simpatia, à continuação da história de Vila Flor.

Conta-a em breves traços: fala do Avô da longa viuvez da Avó, Dona Joaquina Lage, da saudade do marido, da companhia dos filhos, do triste deixar a Casa. Ressurge no relato a polifacética personagem de António Ferro: escritor, poeta, dramaturgo, jornalista, cineasta, Director da Emissora Nacional, do Secretariado da Propaganda Nacional, de vários jornais e revistas, então Chefe do Secretariado Nacional de Informação e Cultura (SNI); Vila Flor a não escapar dos seus sagazes olhos. Convence os seus proprietários - a família Jordão - a transformar a Casa num grande Hotel, privilegiado pela sua situação, Guimarães ansioso por poder receber com grandeza os seus hospedes.

Iniciaram a obra: construíram a metade, a outra metade, a faltar à Casa. Completaram-na, "dobraram-na", repetindo-a faltando-lhe somente o resto das estátuas dos Reis. O conjunto é belo. Por isto, por aquilo, morre a iniciativa quase à nascença. Alterado, fica o interior: "É o coradoiro mais caro de todo o Portugal" sorri-se o povo ao saber que o sol, no 2º andar de Vila Flor; branqueia toalhas e guardanapos do muito excelente Restaurante Jordão, notável pela fartura dos aperitivos, succulencia dos majares, excelência do serviço, a energia a não faltar nesta família. E Bernardino Madureira Jordão¹⁸² com enorme afabilidade, conta, empresta livros, ajuda.

¹⁸⁰ Vi dois programas. No de 22.11.1938, Lucília Simões, Raul de Carvalho, Robles Monteiro, João Vilaret, Álvaro Benamor, Maria Lalande e João Cardoso representam a peça "Isabel, Rainha de Inglaterra", o cenário sob Amélia Rey Colaço; o outro, do dia da inauguração o do "Sarau Vicentino", a sala perfumada pela perfumaria Nally, e em destaque Amélia Rey Colaço, Lucinda Simões e outros grandes actores. Diz este em nota ter-se gasto na construção do teatro entre outros materiais: 979 camiões de areia, cascalho e saibro, 684 camiões de perpianho e alvenaria, 62 vagões de cimento, cal, gesso e marmorite, 13 vagões com 127.000 quilos de ferro 31.000 ou sejam perto de 36 vagões de tijolos "SINCO", gastos para os pavimentos. Os pinheiros utilizados chegariam para fazer uma via dupla do Tournal até à Penha. As tábuas e escoras utilizadas dariam para um tapamento de 20 m de altura a toda a volta do Tournal. Com o material gasto na obra, ter-se-ia uma composição de 825 vagões, excluindo a máquina e o tender com o comprimento total de 9,2 quilom., isto é uma distancia igual à que vai da estação de Guimarães até Vizela com as lâmpadas num total de 46.000 watts aplicadas na iluminação, e distanciadas de 10 m. podíamos iluminar toda esta linha.

¹⁸¹ Livro na nota 173.

¹⁸² À simpatia e afabilidade deste senhor devo o puder ter escrito este capítulo; procurou sempre responder às minhas perguntas e foi incansável nas informações que me deu. Bem Haja.

Principiada há alguns séculos, a história vai chegando aos nossos dias. Aonde era uma mata atravessada por águas e poças, a espreitar a vila, no silêncio da natureza, todo é burburinho, confusão, rapidez. Nos finais do século dezoito ergueram um palacete, cercado de jardins e hortas. Passou o tempo. Nos estreitos caminhos rasgaram uma larga avenida, a ir do Tournal à Estação. Beirada dum lado orlada de prédios, coroados pela grande Fábrica de Fiação e Tecidos do Cavalinho, esqueletos a surgirem quando do assentamento dos seus alicerces¹⁸³, o barulho dos teares, a quantidade das encomendas, a passar em breve para o esquecimento este achado. Do outro lado da artéria ainda muito do feudo dos Jordões: Vila Flor e Cavalinho a moagem, a fabrica da luz, o restaurante, o cinema, etc. etc.:

Em 1977 o "palácio é adquirido pela Câmara Municipal, aí se instalou no edifício, o Núcleo de Guimarães da Universidade do Minho (com carácter provisório) e nos espaços exteriores o Horto Municipal.

Deste espaço, mantiveram-se intactos os Jardins de buxo, que se desdobram em socalcos fronteiros à fachada do palácio, considerados dos melhores existentes nesta região.

JARDIM E HORTO

"Jardins de buxo", onde a "topiária" tem a sua expressão num conjunto harmonioso de camélias centenárias.

No Horto um "arboretum" de resinos "coníferas", que constituem um importante conjunto na permanente decoração vegetal sobretudo no Inverno.

Na planificação do Horto, a criteriosa constituição dos canteiros e alfobres onde as rotações e afolhamentos, plantas anuais com vivazes, proporcionam uma riqueza cromática.

Tudo isto são motivos de encanto para uns olhos que saibam ver e uma sensibilidade que possa sentir.

Mais, também no aspecto funcional se poderá referir que constitui o centro de produção e multiplicação de plantas para todos os espaços públicos do Concelho¹⁸⁴.

Alunos saem, alunos entram. Apressados professores. Pastas, risos, esperanças. O ar juvenil do quadro universitário apodera-se de Vila Flor - Cavalinho, mergulha-se na vida, no delinear do futuro. Lá no alto, na estação, apitam comboios, chega muita gente. A 30.12.1982, António Augusto Duarte Xavier, Presidente da Câmara de Guimarães firma com Fernando Lage Jordão, representante da Sociedade por quotas Bernardino Jordão, Filhos e Companhia Limitada, uma escritura de compra e venda¹⁸⁵. Exibem "a acta da Assembleia Geral Extraordinária de Sócios realizada a vinte de Julho de mil novecentos e setenta e sete que se encontra arquivada no maço dos documentos da escritura lavrada neste notariado Privativo em três de Fevereiro de mil novecentos e setenta e oito". A Sociedade representada por Fernando Lage Jordão

¹⁸³ Ao edificarem a fábrica apareceram alguns esqueletos. Não consta ter lá havido um antigo cemitério ou escaramuças, se as houve, delas não há notícias. Que seria?

¹⁸⁴ Miguel Frazão "Palácio de Vila Flor - Horto Municipal", ed., da Câmara Municipal de Guimarães, folheto em português e inglês.

¹⁸⁵ (Perante notário privativo da Câmara, a 30.11.1982 foi efectuada esta escritura. Refere-se às antigas actas onde se decidiu a venda esta escritura. Refere-se às antigas actas onde se decidiu a venda, descreve-se: "cave em parte, rés do chão, e primeiro andar com treze divisões na cave, catorze no rés do chão, e duas no andar com área coberta de mil e trezentos metros quadrados." Descrevem também os anexos.

"vendera à Câmara Municipal de Guimarães, pela importância total de quinze mil contos que dela já recebeu o imóvel conhecido por palacete de Vila Flor, situado na Avenida D. Afonso com todos os seus anexos, jardins e quintais, suas pertencas móveis e imóveis servidões e acessões...". Com tudo concordara a Câmara "para engrandecimento do património municipal" em sua reunião extraordinária de 14.6.1977. Vila Flor pertence à Guimarães.

Vem aí as obras: aplaudidas, contestadas, discutidas¹⁸⁶. Nasce o Centro Cultural de Vila Flor: rompe a dança, soa a musica, baixa e sobe o pano nas peças teatrais. Desenrolam-se exposições, escutam-se conferências, mistura-se a politica. Deslizam congressos, colóquios, seminários. Recebem-se personalidades, não param as sessões de cinema. Iluminam-no clarões de cultura, escurecem-no, por vezes, outras facetas¹⁸⁷. É o CCVF.

Agarram-se para finalizar as palavras de outro neto de Bernardino Jordão, o Dr. Óscar Pires Jordão. Lembra "a propriedade a abrir-se ao norte, e antes do Rio de Couros, para um caminho que vindo desse ponto cardeal e do Relho, subia para os lados da Vaca Negra, passando pelo Minhoto e pelo Castanheiro". Recorda "que a Casa só existia numa metade; e um ligeiro crescente de duas janelas e uma porta, que se debruçava para uma horta e uma adega por debaixo daquele; horta esta, que numa cota inferior; esbarrava com o muro do suporte da Avenida, do Poente, com os Jardins e Horta, com o laranjal a Sul". Fala das pedras da reconstrução, a virem quase todas das muralhas e da zona dos Palheiros, das "buscas aos tesouros, por eles meninos, entre as paredes mestras. Evoca as balastradas, os escadórios, "a réplica dum pequeno fortim seiscentista, o de Santo António", as grutas, as taças, as caleiras de Pedra, as "floreiras com assento" lamenta "o desaparecimento dos azulejos que revestiam de suporte dos jardins e dos escadórios, bem como a recente decrepitude de muitas espécies vegetais que os povoaram, ou inclusivamente a sua morte. Como é caso daquele azevim raiado com tronco de mais de um metro de diâmetro, que existiu no conto do nordeste do jardim do meio"¹⁸⁸.

É assim, que a 23.9.2005 diz adeus ao Cavalinho, a Casa Grande da sua meninice e dos seus, Casa que procurei contar, num desenrolar de sessões académicas, de grande visita régia, duma muito falada exposição, do progresso da luz eléctrica a inundar o concelho - a história de Vila Flor - Cavalinho, agora CCVF.

¹⁸⁶ Várias vezes atacadas no jornais. Ex: Notícias de Guimarães "de 6.1.2006. Trabalhos a mais de Vila Flor "chumbados" pelo Tribunal de Contas" A empreitada celebrada a 31.8.2005 com o consórcio "Cari" pelo valor de 539.570,37euros, a crescer 4,74 por cento.

¹⁸⁷ Programação para os 3 primeiros meses de 2006: Janeiro Teatro Dia 7 às 21 horas - Romeu e Julieta (Grande auditório), Dias 13, 26 e 27 às 23: Stand' Arte Comedy - Teatro Oficina - Café concerto. Dia 13 às 15.30: A Fábrica do Nada - Artistas Unidos - Serviço Educativo (grande auditório).
MUSICA: Dia 14 às 23, Canções do Jovem Cão - J.P. Simões - Café Concerto . Dia 21 às 23.00 Atomo - Eu - Café Concerto.
DANÇA: Dia 28 às 22.00 O Amor ao Canto do Bar vestido de Negro - Cª Olga Roriz (Grande Auditório). INSTALAÇÃO de 3 de Janeiro a 3 de Março: Caixa para guardar o Vazio Fernando Fragateiro - Serviço Educativo. EXPOSIÇÃO: de 6 de Janeiro a 2 de Abril: Percursos na Paisagem - Colecção da Fundação de Serralves. Teatro: a partir de 17 de Janeiro a 2 de Abril: Projecto Jovens Artistas Jovens. CINEMA de 17 de Março, às 22.00 Uma Viagem a Itália (no pequeno Auditório).
Formação para Professores Dias 7, 14 e 27 Construção e Animação e Forças Animadas - Limite Zero, Entidade Formador (Espaço Oficina).
SERVIÇO DE BABY SITTING * Funcionamento para dias de espectáculos e para de apresentações - Idades dos 3 aos 9 anos - Capacidade máxima 20 crianças - Custo 3 euros.

¹⁸⁸ Óscar Jordão Pires "CCVF" in *O Povo de Guimarães* de 23.9.2005, artigo a principiar por: "Foi-se o Cavalinho"